



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maristela Barenco Corrêa de Mello

**Da morte do *General* à busca *rizomática*:
o ato de escrever como possibilidade de emancipação**

- *Agenciamentos* entre Cora Coralina,
Gilles Deleuze e Félix Guattari -

Rio de Janeiro

2005

Maristela Barenco Corrêa de Mello

Da morte do *General* à busca *rizomática*: o ato de escrever como possibilidade de emancipação

- *Agenciamentos* entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari -

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro,

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cavalieri Bazílio

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M527 Mello, Maristela Barenco Corrêa de

.
Da morte do *General* à busca *rizomática*: o ato de escrever como possibilidade de emancipação: agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari / Maristela Barenco Corrêa de Mello. – 2005.
123 f.

Orientador: Luiz Cavalieri Bazílio.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Filosofia – Teses. 2. Literatura – Teses. 3. Subjetividade – Teses.
4. Coralina, Cora, 1889-1985 – Teses. 5. Deleuze, Gilles, 1925-1995 –
Teses. 6. Guattari, Félix, 1930- – Teses. I. Bazilio, Luiz Cavalieri. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III.
Título.

es

CDU 165.81::82

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

**Da morte do *General* à busca *rizomática*:
o ato de escrever como possibilidade de emancipação**

- *Agenciamentos* entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari –

Maristela Barenco Corrêa de Mello

Banca examinadora:

Luiz Cavalieri Bazilio
Orientador

Walter Omar Kohan

Leonardo Boff

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação

À **Clara**, minha filha, luz nas minhas travessias.

E à **Cora Coralina**, pela afinidade de territórios e almas, pelo grande encontro. Cora passou em meu território com a intensidade devastadora do Rio Vermelho, em época de cheia: não provocou apenas desterritorializações. Destruiu um território e tem me reterritorializado nômade.

AGRADECIMENTOS

Numa perspectiva rizomática, são incontáveis os encontros, as conexões, os agenciamentos, as linhas de fuga, os graus de desterritorialização e reterritorialização – movimento da Vida - que atravessaram o território-mapa de minha vida até aqui... Sendo inumeráveis, são todos axiais, inclusive aqueles que me aproximaram de uma heterogeneidade e que provocaram rupturas. Não são hierarquizáveis. E sou grata a todos. Mas gostaria de agradecer especialmente a algumas pessoas.

Ao meu rizoma-família, sobretudo as mulheres, pela criatividade e a potência nômade, cuja herança persiste para além da mundança de territórios.

Aos meus companheiros e companheiras do CDDH – Petrópolis, pelos agenciamentos cotidianos e duradouros, pela convivência amigável e alegre, pela partilha de territórios e busca das novas reterritorializações, pelo sonho em comum de territórios mais incluídos e justos. Em especial, agradeço à Eliete, parceira de coordenação, que assumiu as minhas ausências sem pesar, e ao Fernando Barenco, que me ajudou a criar as imagens rizomáticas deste trabalho.

A todos os parceiros-beneficiários do CDDH que se inserem em nossos Projetos: constituem o 'fora' que alimenta e reanima o meu mapa. Em especial, agradeço ao André, jovem que nos chega diariamente ao Projeto Pão & Beleza, por ser incansável mestre a nos alertar que a lógica da árvore não é a lógica da vida. Sem essa relação-desafio, teria sido mais difícil compreender o rizoma...

Às pessoas que promoveram agenciamentos cognitivos e intelectuais importantes em minha vida: Leonardo Boff, Márcia Miranda, Celiomar, Juninho, Marisol e Ronaldo. Com eles despertei para o gosto de uma intelectualidade e aprendi que intelectualidade, sensibilidade e justiça fazem rizoma. Com o Leonardo, aprendi a importância dos devires minoritários. Tais agenciamentos me constituem enquanto território.

Aos amigos Pedro Paulo Monteiro e Kênia. Em tempos de desterritorialização absoluta, constituíram-se territórios solidários vitais.

Aos Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em especial, Luiz Cavaliere Bazílio, meu orientador, e ao Walter O. Kohan, 'mapas' de pura inclusividade. Considero-os "terras novas, virgens de Édipo" no território da Academia. Ainda na Uerj, recordo com carinho dos funcionários do estacionamento – administradores de um 'território sem vagas' -, e da Jorgete, da Secretaria: fazem da Uerj terras de acolhimento, ainda que sem o reconhecimento.

À Ana Paula, minha secretária, estabilidade do meu território, que cuida daquilo que temos e somos, e que me permite tantas desterritorializações e viagens...

Ao Ronaldo Fiuza Lima, amigo há 21 anos, interlocução permanente dessa dissertação, pela presença constante. Tal reencontro inspira-me uma intensa reterritorialização.

À Capes, pelo fundamental financiamento de nosso curso.

RESUMO

MELLO, Maristela Barenco Corrêa de. *Da morte do General à busca rizomática: o ato de escrever como possibilidade de emancipação: agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari*. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

A presente dissertação, ensaio monográfico de cunho filosófico-literário-poético, insere-se na Linha de Pesquisa Infância, Juventude e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Tem como proposta promover *agenciamentos* entre os filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e a escritora Cora Coralina. Empreendemos uma releitura da obra completa de Cora Coralina – que dá ênfase à Infância, à Escola e à Escrita -, inspirados em alguns conceitos filosóficos de Deleuze e Guattari, tais como *multiplicidade, rizoma, devir, platô, literalidade, linha de fuga, desterritorialização e reterritorialização* – que postulam a realidade como multiplicidade e uma lógica, denominada *rizomática*, como alternativa à lógica clássica do pensamento e da ciência, considerada *arborescente*.

A partir desses *agenciamentos* – não prévios – procuramos sistematizar essa releitura de Cora Coralina, buscando escrever em forma de platôs, zonas de intensidade contínua, que constituem um método, plano de composição das multiplicidades. A característica fundamental de um platô, que o difere de um capítulo, é que pode ser lido em qualquer posição e relacionado com outro.

Deleuze e Guattari postulam percursos inéditos em relação à atividade literária, permitindo-nos inserir a escrita em um horizonte possível de emancipação, entendida aqui como *desterritorialização e reterritorialização* e não como demarcação e fixação em um *território*. A escrita de Cora Coralina evidencia esse modo de emancipação.

Palavras-chave: Emancipação, Escrita, Literatura, Filosofia.

ABSTRACT

MELLO, Maristela Barenco Corrêa de. *The death of General of the rhizomatic search: the act of writing as a possibility of emancipation: negotiations between Cora Coralina, Gilles Deleuze and Félix Guattari*. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

The present dissertation, a monographic rehearsal of philosophical-literary-poetic creation, introduces itself into the Line of Infancy, Youth and Education Research of the Postgraduate Program in Education within the Faculty of Education at the State University of Rio de Janeiro.

It has as its proposal the promotion of agencements among the philosophers Gilles Deleuze, Félix Guattari and the writer Cora Coralina. We undertake a rereading of the complete work of Cora Coralina — that gives emphasis to Infancy, to School and to Writing —, inspired upon some of the philosophical concepts of Deleuze and Guattari, such as multiplicity, rhizome, becoming, plateau, literacy, lines of escape, disterritorialization and reterritorialization — that postulate a reality as multiplicity and a logic, denominated rhizomatic, as an alternative to the classical logic of thought and of science, considered *arborescent*.

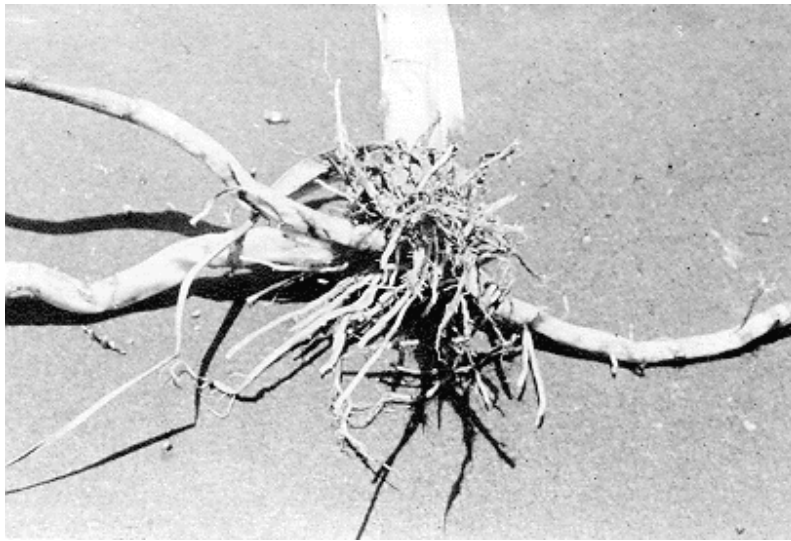
From these agencements — not prior — we strive to systematize this rereading of Cora Coralina, seeking to write in the form of plateaux, zones of continual intensity, that constitute a method, a plan of composition of the multiplicities. The fundamental characteristic of a plateau, that makes it different from a chapter, is that it can be read in any position and related to another.

Deleuze and Guattari postulate unprecedented ways to relate to literary activity, allowing us to insert the writing within a possible emancipation horizon, understood here as disterritorialization and reterritorialization and not as demarcation and fixation within a territory. The way Cora Coralina writes makes this mode of emancipation evident.

Keywords: Empowerment, Writing, Literature, Philosophy.

PREFÁCIO

Em busca da *velocidade que se adquire no meio...*



*Um rizoma não começa nem conclui,
ele se encontra sempre no meio,
entre as coisas, inter-ser, intermezzo .*

*A árvore é filiação,
mas o rizoma é aliança, unicamente aliança.*

*A árvore impõe o verbo "ser,
mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e...e...e..."*

*Há nesta conjunção força suficiente
para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE E GUATARRI, 2004, p.37)*

Eu não conseguiria falar de ciência, filosofia e poesia, se não estendesse tal reflexão ao processo cotidiano da vida e de suas inter-relações. Não consigo pensar em uma ciência ou teoria que não esteja a serviço de um projeto político de ser humano, de relações e de humanidade. Nada de positivismo! Mas não posso abrir mão da teologia e da psicologia como ótica e como olhar, herdados na minha formação. Sem pensar o cotidiano da vida e de suas múltiplas inter-relações não consigo pensar a ciência. E assumo isso tranquilamente.

Pois bem... fico pensando... Se é tão difícil entender, teoricamente, a lógica do rizoma, por outro lado, o que há de mais rizomático do que a vida de cada pessoa? Bastávamos reconhecer esse dado. E talvez a humanidade sofresse menos, porque se conhecesse mais... no exato sentido de um desconhecimento diante das inúmeras possibilidades de uma multiplicidade.

A árvore que existe em nossa 'cabeça', como lógica, e que determinou e ainda determina a forma como devemos conceber o conhecimento e a realidade, ilude-nos em relação à dinâmica estática da vida que nos apresenta. A partir dela, aprendemos que a vida é linearidade; que os encontros preexistem; que a realidade é previsível; que dispomos de modelos prontos e categorizados à nossa disposição; que há relações de origem que determinam o que virá e será; que há rupturas incontornáveis; que crises se 'aprofundam'; que há um dentro, pura interioridade, separado de um fora; que há um ponto de saída e um objetivo a ser alcançado; que o sentido é determinado apenas pelo dentro; que a salvação vem do 'alto' e de fora; que há salvação; que há um cronos determinando aquilo que somos; que os espaços e lugares não são mutáveis; que não há entradas e nem saídas e que o percurso é inexorável...

A lógica do rizoma está aí para evidenciar que há crises extremamente promissoras. Desterritorializar-se, a partir dessa lógica, é muito desconfortável. Mas talvez se aproxime do desconforto mais confortante pelo qual poderíamos ter a oportunidade de passar.

A lógica do rizoma não é oposta à da árvore. É apenas um antitempo. O rizoma nos lembra que a vida não é estrutura, totalidade determinada, não é linear e preexistente, mas fluxo de agenciamentos com um fora. Pensemos na imobilidade e

realidade estática de uma estrutura, com seus pontos. Agora, coloquemos muita velocidade nesse quadro imaginado. A estrutura se desfaz. Os pontos convertem-se em linhas: de articulação, segmentaridade, estratificação, fuga, desterritorialização... Um rizoma é atravessado por essas múltiplas linhas e agenciamentos. Por eles, as realidades se ampliam e mudam de natureza por se conectarem a outras. Existem territórios, como momentos de apropriação e subjetivação, mas que são sobretudo mapas, conectáveis de todas as maneiras, com múltiplas entradas e saídas. Um território se define por um fora. E há os devires, fluxos de desejos, que nos movimentam em um intempestivo...

Não somos árvores. Somos rizomas, tubérculos. Pura potência! Espírito nômade. Podemos, pois, relaxar: não há modelos a serem imitados, não há percursos predeterminados, não estamos presos em nenhum ponto de saída e não há ponto de chegada. Há sempre muitas possibilidades acontecendo... exatamente no meio! O meio é a gênese e é o 'lugar' onde a realidade adquire velocidade.

E aqui, nessa constatação, uma ironia. Na velocidade, os aparentes opostos se conectam. Embora a lógica rizomática caminhe na contramão de um 'Uno' e de 'transcendência', a lógica do rizoma aproxima-se de um viés de espiritualidade, ainda que de forma imanente. E diríamos até de um viés de religiosidade, no sentido de um 'religare' (ainda que hajam rupturas a-significantes em um rizoma, uma ruptura reconhece uma ligação). Sobretudo a lógica da espiritualidade oriental, budista e hindu, trabalha bastante a idéia de um aqui e agora que, mais do que cronológico, aponta para um intempestivo, a-temporal. O místico é aquele que se liberta da nostalgia do passado e da ansiedade em relação ao futuro e está desperto, aqui, para as múltiplas relações da vida, literais. Presente como iluminação, como sinapse, como religação, como rizoma... Sem modelos, sem objetivos. Apenas permissão, para desterritorializar-se e reterritorializar-se permanentemente. E há uma abertura para se experimentar uma infinidade de devires meditativos. O desejo é questionado, cada vez que ele se transforma na ilusão da árvore...

O rizoma também é muito próximo de uma abordagem ecológica. Ecologia não como temática ambiental, mas como paradigma das intro-retro-relações. Como ciência,

a Ecologia está mais próxima da lógica do rizoma do que qualquer outra, exatamente por constituir-se a partir de novos paradigmas. Guattari parece ter reconhecido isso quando se aproximou dos movimentos ecológicos.

A esperança imanente que uma lógica rizomática possibilita é mais vibrante e intensa do que a desesperança, a insegurança e o medo que sentimos a cada vez que ousamos deixar o território e o sedentarismo da árvore... Sem a referência de uma totalidade e linearidade históricas sentimo-nos um tanto perdidos. É fato. Mas o rizoma não é labirinto. É potência, possibilidade. E a proposta não é eliminar as árvores. Mas perceber que a mesma terra - que abriga a raiz que desponta, visível, na verticalidade de uma árvore - também abriga o rizoma, tubérculo radiforme, que se conecta com a diversidade que o cerca, na horizontalidade subterrânea, que não se vê. Precisamos deixar de enxergar a vida a partir da árvore. É preciso devir-terra!

Na perspectiva da árvore, uma mudança de lógica exige esforço e trabalho. Mas talvez a mudança tenha outro significado na lógica do rizoma. Há uma história, de inspiração oriental, que nos possibilita nos aproximar do que vem a ser um intempestivo. Que ela fale por si mesma!

Vou contar a você uma antiga parábola hindu.

Um grande santo, Narada, estava indo ao Paraíso. Ele costumava viajar entre o Paraíso e a Terra. Funcionava como uma espécie de mensageiro entre o outro mundo e este mundo, ele fazia a ponte entre os dois.

Encontrou um velho sábio, muito velho, sentado sob uma árvore repetindo seu mantra. Ele estivera repetindo aquele mantra durante muitos anos, muitas vidas. Narada perguntou a ele: "Você gostaria de fazer alguma pergunta? Gostaria de enviar alguma mensagem ao Senhor?" O velho abriu seus olhos e disse: "Apenas uma pergunta: quanto tempo mais eu tenho que esperar? Quanto tempo? Diga a ele que já estou cansado. Durante muitas vidas estive repetindo esse mantra, por quanto tempo ele espera que eu continue fazendo isso? Estou cansado disso, estou cheio disso."

Ao lado do velho sábio havia um jovem com uma *ektara*, um instrumento de uma só corda, e ele estava cantando e dançando. Narada perguntou a ele, brincando: "Você também quer perguntar quanto tempo irá demorar até que você seja iluminado?" Mas o

jovem nem mesmo respondeu, apenas continuou a dançar. Narada perguntou de novo: “Estou indo falar com o Senhor. Você não tem nada a dizer?” Mas o jovem apenas sorriu e continuou a dançar.

Quando Narada voltou, alguns dias depois, ele disse ao velho: “Deus disse que você terá que esperar pelo menos mais três vidas.” O velho ficou tão furioso que jogou no chão seu colar de oração. Estava prestes a bater em Narada. Disse: “Isso não faz o menor sentido! Tenho esperado durante muito tempo e tenho sido absolutamente austero, tenho recitado os mantras, jejuado, cumprido todos os rituais. Já cumpri todos os requisitos. Três vidas! Isso é injusto!”.

O jovem continuava a dançar alegremente sob a outra árvore. Narada ficou receoso, mas ainda assim foi até lá e disse a ele: “Apesar de você não ter perguntado nada, fiquei curioso e fiz eu mesmo a pergunta. Quando o Senhor disse que esse velho homem teria que esperar mais três vidas, perguntei sobre o jovem que dançava ao seu lado, tocando a *ektara*. E

ele disse: ‘Esse jovem terá que esperar tantas vidas quanto forem as folhas da árvore sob a qual ele está dançando.’”

E o jovem começou a dançar ainda mais rápido e respondeu: “Tantas folhas quanto houver nesta árvore? Então está próximo, então eu já estou lá. Pense em quantas árvores há na terra e compare! Então está muito próximo. Muito obrigado, senhor, por ter perguntado.” E continuou a dançar. E a história diz que o jovem atingiu a iluminação imediatamente, naquele instante (OSHO, 1999, p. 24).

NOTAS

1. A presente dissertação é um ensaio escrito na forma de *platôs*. Com exceção da parte intitulada PARTE I - Prefácio: 'Chaves de leitura' para uma travessia..., onde explicaremos melhor a metodologia do trabalho, a outra parte poderá ser lida de forma independente, em cada subtítulo, na ordem desejada pelo leitor. Sugerimos que as Considerações sejam lidas apenas no final.
2. As ilustrações, em forma de gravuras, têm como objetivo evidenciar, em forma de imagens ligadas à Cora Coralina, a lógica metodológica dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua proposição das multiplicidades rizomáticas.
3. As formigas, na mesma perspectiva dos filósofos, equivalem às linhas de fuga entre um território conceitual e um território poético-literário.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: MULTIPLICIDADE E RIZOMA	46
ILUSTRAÇÃO 2: LINHAS DE FUGA	49
ILUSTRAÇÃO 3: DEVIR	60
ILUSTRAÇÃO 4: LINHAS DE FUGA	66
ILUSTRAÇÃO 5: LITERALIDADE	76
ILUSTRAÇÃO 6: LINHAS DE FUGA	79
ILUSTRAÇÃO 7: LINHAS DE FUGA, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO	86
ILUSTRAÇÃO 8: LINHAS DE FUGA	89
ILUSTRAÇÃO 9: ENCONTRO LITERÁRIO	100
ILUSTRAÇÃO 10: FINALIZANDO A VIAGEM	115

SUMÁRIO

PREFÁCIO

NOTA

PARTE I - “CHAVES DE LEITURA” PARA UMA TRAVESSIA	17
1. Sobre os Agenciamentos	23
2. A perspectiva da Literatura	25
3. A perspectiva <i>rizomática</i> de Cora Coralina	28
4. O encontro com as lógicas <i>arborescente</i> e <i>rizomática</i>	36
5. Em busca de uma escrita <i>nômade</i> e <i>rizomorfa</i>	37
6. Limites que nos acompanham	40
PARTE II – PLATÔS: UMA LEITURA DE CORA CORALINA À LUZA DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI	42
1. Conceito de Multiplicidade e Rizoma	47
1.1. <u>A escrita <i>rizomática</i> de Cora Coralina</u>	50
2. Conceito Devir	61
2.1. <u>Cora Coralina, uma explosão de devires</u>	67
3. Conceito Literalidade	77
3.1. <u>Literalidade em Cora Coralina: a experiência dos Becos de Goiás como <i>rizomas</i> de uma Cidade</u>	80
4. Conceito Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização	87
4.1. <u>Linhas de Fuga, Desterritorialização e Reterritorialização em Cora Coralina</u>	90
5. A Literatura em Gilles Deleuze, Félix Guattari e Cora Coralina: possibilidade de emancipação	101
CONSIDERAÇÕES – FINALIZANDO A VIAGEM	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

PARTE I

‘CHAVES DE LEITURA’¹ PARA UMA TRAVESSIA...

Multiplicidades e rizomas suprimem premissas! Logo, não devemos partir de muitas premissas... a não ser desta, que nos legitima e nos libera de qualquer outra...

Importante, contudo, é dizer, não como início, mas em todo o meio da dissertação, que a proposta que ora se apresenta constitui uma *desterritorialização*² em relação ao *território* das dissertações. É uma *reterritorialização*³ a partir da perspectiva teórica do filósofo Gilles Deleuze e do Psicanalista Félix Guattari. Ao nos referenciarmos nesses autores, tal perspectiva torna-se fundamental.

Deleuze e Guattari são, sobretudo, pensadores e criadores de conceitos. Repensam e buscam desconstruir o que é instituído, modelo, clichê e reprodução, já que nada pode preexistir ao *múltiplo* e *rizomático*. Por isso, também, evitam glossários. A classificação e a totalização de conceitos sugerem o fechamento em *territórios*, o que equivale caminhar na contramão da proposta em questão. A riqueza de seus conceitos não se esgota e se clarifica em apenas um livro-texto. Muito pelo contrário, para que se apreenda minimamente a riqueza de um desses conceitos, grande parte das vezes é

¹ Entendo pelo termo chaves de leitura enunciados que nos permitem decifrar, de uma maneira inusitada, algumas questões referentes a uma determinada temática, além de sugerir a possibilidade de se encontrar outras questões, dentro e fora do temática-texto postulada, favorecendo múltiplas leituras de mundo.

² *Desterritorialização*, neologismo surgido e consolidado a partir da Obra Anti-Édipo, é um conceito-chave do pensamento filosófico de Deleuze e Guattari, que emerge numa concepção cartográfica, que privilegia planos, mapas, estratos, linhas de fuga, segmentos. Território também é compreendido de forma existencial. Tal conceito tem a ver com outros três: *território*, *terra* e *reterritorialização*. O território é sinônimo de apropriação e de subjetivação fechada sobre si mesmo. Desterritorializar-se significa implicar-se em linhas de fuga. O território cria um agenciamento e se define por um fora.

² É o estado que sucede a toda *desterritorialização*, entendida aqui não como espaço geográfico, mas existencial. Através da *desterritorialização*, deixa-se um *território* e busca-se outro, ainda que este seja o *território* de um permanente nomadismo. Implica na experiência de novos *territórios*, resultado de *agenciamentos* com um “fora”, a partir de traçados de *linhas de fuga*.

³ É o estado que sucede a toda *desterritorialização*, entendida aqui não como espaço geográfico, mas existencial. Através da *desterritorialização*, deixa-se um *território* e busca-se outro, ainda que este seja o *território* de um permanente nomadismo. Implica na experiência de novos *territórios*, resultado de *agenciamentos* com um “fora”, a partir de traçados de *linhas de fuga*.

importante que possamos conhecê-los em muitos textos-contextos distintos. François Zourabichvili adverte-nos sobre o risco de tomarmos esses conceitos como familiares e compreensíveis, quando não o são:

Ainda não conhecemos o pensamento de Deleuze. Com muita frequência, hostis ou admiradores, agimos como esses conceitos nos fossem familiares, como se bastasse que eles nos tocassem para que estimássemos compreendê-los por meias palavras, ou como se já tivéssemos percorrido suas promessas (...) (ZOURABICHVILI, 2004, p.10).

E, em seguida, atribui tal dificuldade à falta de monografias que exponham os conceitos Deleuzianos:

Eis por que não dispomos de um excesso de monografias sobre Deleuze; ao contrário, falta-nos monografias consistentes, isto é, livros que exponham seus conceitos (...) (ZOURABICHVILI, 2004, p.10).

Eis aí o primeiro grande desafio. Como inserir o leitor num horizonte de novos conceitos, sem cair na armadilha de montar um glossário? Buscamos responder esse desafio da seguinte maneira: na primeira parte, todos os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari aparecerão, no texto, em modo itálico. E de forma bastante superficial, haverá, no rodapé, uma breve “chave de leitura” para compreensão desse conceito.

Na segunda parte, buscamos experimentar escrever na forma de *platôs*⁴, plano de composição das multiplicidades. Tal decisão implica num método conseqüente: não escrever em forma de capítulos; evitar partir de apenas um ponto; permitir-se repetir textos e ideias, em platôs diferentes, sem a preocupação de uma linearidade irreversível das ideias; e o maior exercício de abstinência para a razão moderna:

⁴ Os *platôs* são considerados o *plano de composição das multiplicidades* e entendidos como *zonas de intensidade contínua*, já que numa perspectiva *cartográfica*, as realidades-*mapas* apenas se ampliam numa perspectiva contínua de horizontalidade. Multiplicidades conectáveis que estendem rizomas são platôs. Para Deleuze [Cfr. DELEUZE, G., Entrevista sobre Mille Plateaux. In: IDEM, *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 2004, 4. reimpr., (Coleção Trans), p. 37], platôs são anéis quebrados, interconectáveis.

escapar à lógica de desenvolver pontos culminantes, de elaborar conclusões e enunciar descobertas inéditas... ainda que tenhamos a ilusão de uma aproximação desse porte.

Sendo assim, nesta segunda parte, assumiremos um duplo desafio. Na forma de *platôs*, pretendemos aprofundar os conceitos deleuzo-guattarianos, já que um dos objetivos acadêmicos em questão é promover um diálogo através dos conceitos filosóficos desses autores; e pretendemos também entrar nos textos e na inspiração da escritora e poetisa Cora Coralina, já que outro objetivo é apresentar uma releitura de Cora (a partir de tais conceitos) e pensar sobre a atividade literária. Não queremos didatizar e instrumentalizar os textos de Cora, como exemplificações dos conceitos deleuzo-guattarianos. Queremos que Cora constitua uma linha *de fuga*⁵ e uma desterritorialização em relação ao território conceitual apresentado. Neste momento, faremos uma apropriação dos conceitos deleuzo-guattarianos, de tal forma, que nem mesmo os apresentaremos mais em modo itálico.

Se à primeira vista poderemos ser questionados, no sentido de sermos considerados sem a competência devida em relação ao modelo acadêmico clássico, temos consciência de que o desafio, apresentado aqui, não é menor. Afinal, não abandonamos o modelo. Abrimos mão de um modelo e nos colocamos aprendizes de outro, que nos desafia, sobretudo, em termos de lógica. O rizoma é um “antimétodo” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 98).

Pretendemos dar forma, registrar - em um ensaio-experimentação – a busca e a aproximação do que Gilles Deleuze e Félix Guattari nomearam *velocidade que se adquire no meio*, característica de uma escrita *nômade e rizomórfica*:

(...) Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as

⁵ O termo aparece em uma perspectiva cartográfica e rizomática, em que a realidade, como multiplicidade, é formada por linhas de articulação ou segmentaridade, estratos e territorialidades, mas também linhas de fuga e graus de desterritorialização e desestratificação. Uma linha de fuga é um vetor que faz abrir um território, através de agenciamentos com um fora, implicando em um movimento de desterritorialização, possibilitando às multiplicidades mudarem de natureza ao se conectarem a outras.

coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início e nem fim, que rói suas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 37).

Propusemo-nos a promover um encontro e a pensar os conceitos de Deleuze e Guattari, através das poesias da escritora goiana Cora Coralina, repletas de inspiração *rizomática*. Buscar a *velocidade que se adquire no meio*, neste sentido, significa fundamentalmente promover *agenciamentos* não prévios entre este três autores, Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari, promovendo múltiplas relações-*devires*⁶.

Os platôs são sempre esse meio, que se interage, mas não se mistura. Deleuze e Guattari não olvidam a dificuldade que isso implica e apontam a razão desta dificuldade:

Por que é tão difícil? É desde logo uma questão de semiótica perceptiva. Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda (DELEUZE E GUATTARI, 2004, pp. 34-35).

A presente dissertação, intitulada DA MORTE DO *GENERAL* À BUSCA *RIZOMÁTICA*: a escrita como possibilidade de emancipação – *Agenciamentos* entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari, busca refletir a importância e singularidade de uma perspectiva de produção escrita, como forma específica de se colocar no mundo: a escrita que não é expressão de uma memória e que não se tece a partir de lembranças pessoais; a escrita que não é expressão e exteriorização da história e subjetividade de uma pessoa; a escrita, que não é propriedade do espaço formal da Escola e da Academia; a escrita, que não é especialidade e habilidade literária de uns poucos. Trazemos aqui a reflexão sobre uma escrita que é *devir*; uma

⁶ *Devir* é um termo relacionado à economia do desejo. É o modo específico de como se dão as *relações* na perspectiva das *multiplicidades*. Não significa deixar um lugar e ou estado para se assumir outros, mas transitar continuamente nas *zonas de intensidade contínua*, nos *entre territórios* da realidade, da existência, do pensamento. Mais especificamente em relação ao tema proposto por essa dissertação, escrever é uma forma de *devir*.

escrita que é *agenciamento coletivo de enunciação*⁷ uma escrita que é possibilidade de *reinvenção – de um mundo, de um povo – renegados em suas traições!* (DELEUZE 1997, p. 14); enfim, uma escrita que significa *testemunhar em favor da vida* (DELEUZE, L' Abécédáire de Gilles Deleuze. E – Enfance, 1997). É aqui que essa escrita emerge como possibilidade de produção de um tipo de subjetividade e emancipação.

A presente dissertação, pois, não pretende apresentar um estudo historiográfico, biográfico, cronológico e/ou psicanalítico da escritora goiana Cora Coralina. Tais perspectivas não têm lugar na filosofia de Deleuze e Guattari. Tampouco analisar a sua escrita e o seu processo de subjetivação, mas trazer a inspiração *rizomática* presente nos textos de Cora, como uma forma intuitivamente *deleuzo-guattariana* de fazer literatura; assim como não tem a pretensão de apresentar o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari; não pretende definir o que vem a ser o ato de escrever; não tem como objetivo ensinar como alguém pode tornar-se um escritor; por fim, não pretende nem mesmo evidenciar a competência acadêmica de alguém que se propõe a *agenciar* essas realidades acima descritas, aqui, relações *-devires*.

O projeto de Deleuze e Guattari, que nos inspira como referencial teórico, apresenta-se no prefácio do Volume I da Obra “Mil Platôs”: “(...) O projeto é ‘*construtivista*’. É uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo (...)” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 34). Em poucas palavras, a clareza do que se propõe: *uma teoria das multiplicidades por elas mesmas*, cujo modelo de realização é o do *rizoma*, por oposição à *árvore*⁸. Pensar o múltiplo em estado *puro*, significa:

⁷ Para Deleuze e Guattari, os sujeitos não preexistem a enunciados. Os enunciados são expressões de significações dominantes. Portanto, ainda que por um agenciamento enunciativo, um indivíduo se constitua em termos de expressão, todo enunciado é coletivo, não sendo produzido “por”, mas “para” uma coletividade. Em um agenciamento coletivo, não há mais a tripartição entre campo de realidade, representação e sujeito (Cfr. *Mil Platôs*, p. 34). Um agenciamento coletivo de enunciação reúne ao mesmo tempo sujeito, objeto e expressão.

⁸ Para Deleuze e Guattari, a árvore-raiz é um decalque do mundo, cuja lógica é sempre binária e biunívoca, sempre partindo de um Uno, referindo-se a um sujeito, a um objeto, a uma totalidade. Já o rizoma, tubérculo e bulbo, é uma multiplicidade, aberta, conectável, a-centrada e a-significante, é um mapa, uma antigenealogia.

deixar de fazer dele o fragmento numérico de uma Unidade ou Totalidade perdidas, ou, ao contrário, o elemento orgânico de uma unidade ou totalidade por vir – e, sobretudo, para distinguir tipos de multiplicidade (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 46).

Trabalhar a partir deste referencial teórico é empreender um desafio, de fato, construtivista. Assumimos esse desafio. Deleuze e Guattari postulam uma filosofia que se ocupa principalmente da criação de conceitos, que muitas vezes poderiam sugerir metáforas, mas que, adiante, veremos que não o são. E o desafio é ainda maior. Implica em um projeto *nômade*, que é mais errância do que andança, um outro tipo de *nomadismo*, o *nomadismo daqueles que nem se mexem, e que não imitam nada*, mas que somente *agenciam* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 35). Um autor é um *agenciador*. Um livro é um *agenciamento*. Falaremos disso.

Embora estejamos comprometidos com uma lógica *rizomática*, de *múltiplas entradas e saídas*, *a-centrada* e *a-significante*, que é, sobretudo *antigenealogia*⁹, que nos coloca em um *nomadismo* imprevisível, ainda assim temos alguns objetivos, não hierarquizados, permeados por limites, que queremos aprofundar e esclarecer. Faremos isso da seguinte forma: cada um desses objetivos virá expresso em forma de parágrafo, relativamente autônomo a seguir.

⁹ Podemos dizer que a abordagem de Deleuze e Guattari são *antigenealógicas*, no sentido de uma lógica *arborescente*, da busca de um *Uno*, de fundamentos, princípios, linearidade e pontos. As *multiplicidades* apontam para uma lógica cartográfica, da horizontalidade e dos rizomas.

1. Sobre os Agenciamentos

Um objetivo da presente dissertação é pensarmos as características de uma lógica *rizomática*, de uma escrita *nômade* e *rizomórfica*. Tal atividade literária e escrita constituem, pois, *agenciamentos*:

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um 'agenciamento' (DELEUZE E GUATTARI, 2004, pp. 11-12).

Um *agenciamento* significa uma relação com um "fora", um crescimento de dimensões em uma *multiplicidade*, uma relação com outros *agenciamentos*, com o heterogêneo, com o *a-significante*, com outros mundos, uma ampliação de *platôs*, que implica na superação da reprodução do mundo, de seu *decalque*. Implica na capacidade de nos colocarmos em uma *velocidade* e *intensidade* dos *fluxos*: *Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais.* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 34).

Colocar-se no fluxo dos *agenciamentos*, perseguir uma *velocidade que se adquire no meio* parece significar um *nomadismo*, a superação do eixo entre polaridades, que evita o lugar do sujeito, do objeto e até mesmo da possibilidade dialética de ambos, mas que busca o *entre as coisas* (que não é lugar), perpendicular e transversal, como característica do que é múltiplo:

Não se tem mais a tripartição entre um campo de realidade, o mundo, um campo de representação, o livro, e um campo de subjetividade, o autor. Mas um agenciamento põe em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma dessas ordens, de tal maneira que um livro não tem sua continuação no livro seguinte, nem seu objeto no mundo, nem seu sujeito em um ou em vários autores. Resumindo, parece-nos que a escrita nunca se fará suficiente em nome de um fora. O fora não tem imagem, nem significação, nem subjetividade. O livro, agenciamento com o fora contra o livro-imagem do mundo. Um livro rizoma, e

não mais dicotômico, pivotante ou fasciculado. Nunca fazer raiz, nem plantar (...)
(DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 34).

Dito de outra forma, a presente dissertação quer ser uma sistematização e registro - através de uma 'singularidade-coletiva' – de relações-*devires* entre o ato de escrever, Cora Coralina, Gilles Deleuze, Félix Guattari.

2. A perspectiva da Literatura

A Psicanálise e a Lingüística têm estudado, ao longo dos anos, a importância da linguagem oral e do discurso nos processos de emancipação, constituição da identidade, autonomia e cidadania, buscando superar uma tendência simplista e ingênua, que compreende a linguagem como veículo e instrumento particular e natural de expressão do ser humano, para compreender a sua determinação nos processos de produção, reprodução e transformação social. Norman Fairclough chama-nos a atenção para o que denomina *“tendência de considerar a linguagem transparente: enquanto dados lingüísticos, como entrevistas, são amplamente usados, há uma tendência em acreditar que o conteúdo social de tais dados pode ser lido sem atenção à própria linguagem”* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 20).

Mas importante é percebermos, aqui, que a importância da linguagem oral e do discurso têm tido, no decorrer da história, primazia em relação à escrita e aos processos de autoria, enquanto possibilidade de produção e emancipação. Por um lado, a escrita parece ter sido historicamente confinada a uma perspectiva formal de comunicação, talvez por implicar numa forma de materialização e o registro documental de uma produção (pensamento, reflexão), permitindo ao que escreve não apenas fazer e fazer-se história, mas socializar o seu processo, através da perpetuação da produção. Para algo se tornar documental, é preciso que esteja escrito, já que a palavra pronunciada oralmente há muito perdeu o seu lastro. Para algo valer, costuma-se dizer que queremos ver a “letra no papel”. E isso se tornou tão legítimo, que não é qualquer palavra que pôde e pode ser escrita. Se as palavras pronunciadas esvaem-se ao vento, o registro da escrita parece perpetuar a “alma” da palavra, resgatável a qualquer momento. Daí a força e o caráter subversivo do ato de escrever. Daí a necessidade de um controle sobre a palavra escrita, desde os processos inquisitórios, passando pela figura dos censores, dos copidesquistas e críticos até as amarras ortográficas e gramaticais.

Por outro lado, a escrita também foi confinada historicamente ao espaço da Escola e da Academia, que se apropriaram dos processos de letramento e de um estatuto de cientificidade. Daí a tendência à excessiva didatização do ato de escrever, de seu aprisionamento nas estreitas amarras gramaticais e ortográficas, da padronização de uma forma, um estilo, um esquema e o mais importante: do seu desenvolvimento a partir de uma lógica. A tendência à instrumentalização tem gerado a morte de muitos processos criativos de produção. A produção literária tem se tornado, cada vez mais, uma especialidade de poucas pessoas hábeis e talentosas, tendência esta reforçada por um novo tipo de escrita que desponta no espaço virtual, que ameaça o modo clássico de produção.

Assim, a paixão pelo processo literário parece sucumbir concomitante ao seu processo de emergência (alfabetização), pela contradição dos princípios opostos que se conjugam: a inspiração que produz o processo literário está subjugada a um aprisionamento gramatical e ortográfico. E mais tarde, tal morte ainda vai sendo efetivada, simultaneamente, com o desinteresse pela leitura, que sofre o mesmo processo da escrita.

Nesse contexto, Deleuze, sobretudo, resgata a importância e o significado de uma escrita e Literatura, não como expressão de um universo particular e do pronome possessivo “meu” – para ele aspectos insignificantes e de *natureza desagradável*, que evidenciam uma *literatura barata*, dos *best-sellers* -, mas como forma de *mostrar a vida, testemunhar em favor da vida* (DELEUZE, L’ Abécédaire de Gilles Deleuze. E – Enfance, 1997), *inventar um povo renegado*, acessar uma dimensão que é comum à uma coletividade, mergulhar na extrema riqueza dos *artigos indefinidos*, expressão das *multiplicidades*, levar a linguagem *até o ponto em que se gagueja – o que não é fácil, pois não basta gaguejar assim* (IDEM).

Para Deleuze, a Literatura foi algo muito marcante, juntamente com a Filosofia: *Eu fui transformado, absolutamente transformado* (DELEUZE, L’ Abécédaire de Gilles Deleuze. L – Littérature, 1997), diz, referindo-se às suas primeiras descobertas

literárias. Mas não é esse o motivo que o faz escrever, pois, para ele, *não se escreve com as próprias lembranças.*

Os escritores autênticos são visionários e criadores; produzem textos e criam personagens que nos fazem pensar: (...) *os grandes personagens da Literatura são grandes pensadores.*

Deleuze postula que *a grande literatura e a grande filosofia têm em comum o fato de ambas testemunharem em favor da vida: filósofos e literatos estão no mesmo ponto. Há coisas que se conseguem ver e das quais não se consegue voltar. Ambos viram alguma coisa grande demais para eles. Eram visionários. Viram algo grande demais e não foram capazes de suportá-lo. Deixou-os arrasados.* Por isso existem literatas com *saúde fraca.*

Nessa presente dissertação, é sobre essa perspectiva de escrita literária e inspiração que queremos pensar: aquelas que, como cunhas, abrem brechas preciosas e acessam um 'lugar', grande e intenso demais, quase insuportável, experiência-*de vir*, da qual não se pode mais voltar. Aqui se vislumbra uma emancipação: o *Uno* fez-se Multiplicidades.

3. A perspectiva “rizomática” de Cora Coralina

Ao falarmos de uma escrita *rizomática* e de emancipação, um outro objetivo desta dissertação é trazer a escrita emblemática da escritora e poetisa Cora Coralina. Sua escrita, de inspiração *rizomática*, sugere a possibilidade de podemos pensar em uma atividade literária emancipadora.

Como já dissemos, não pretendemos apresentar um estudo historiográfico, biográfico, cronológico e/ou psicanalítico da escritora goiana Cora Coralina, nem promover uma análise da sua escrita e do seu processo de subjetivação. Pretendemos dar vazão à inspiração *rizomática* presente nos textos de Cora, que *agenciam*, em forma de poesia, escrita e literatura, alguns conceitos postulados por Deleuze e Guattari.

Cora Coralina não escreve apenas com as suas lembranças pessoais, mas sua escrita retrata uma coletividade: a infância de um povo; a escola de um povo; a família de um povo; a realidade de um povo; o sentir de um povo, cujo lugar afetivo, familiar e social sugere ser o da negação e marginalidade.

Ao nos depararmos com os seus textos, o seu jeito próprio de escrever, como leitores, sentimo-nos conduzidos a experimentar lugares densos demais, onde vemos e ouvimos coisas que nos fazem retornar, como diria Deleuze, *com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. (...) (DELEUZE, 2004, p. 14)*. Cora também parece ter acessado esse ‘lugar’ sem retorno, onde pôde ver, no pequeno e marginal, coisas *grandes demais*, que a transformaram em *visionária* de um tempo e *testemunha em favor da vida*. Cora parece colocar-se em um ‘lugar’, *intermezzo*, em cujo fluxo parece atravessar toda a humanidade em suas mais diversas dimensões, em seus encontros e conexões mais significativos.

Certamente Cora teve a “sua” infância, marcada – mais por escassez do que por abundância -, em diversos aspectos. Isso é um fato legítimo. Deleuze também o reconhece:

(...) A infância, a infância... Como tudo, é preciso saber separar a infância ruim da boa. O que é interessante? A relação com o pai, com a mãe e as lembranças da infância não me parecem interessantes. É interessante e rico para si próprio, mas não para escrever (DELEUZE, G., **L' Abécédáire de Gilles Deleuze**. E – Enfance, 1997).

Mas o que pode motivar, de forma autêntica, a atividade literária, segundo Deleuze, é exatamente a saída e ruptura de um 'caso particular', de uma primeira pessoa do pronome pessoal, de um enunciado considerado individual, de um território próprio... tendo em vista um *devenir*. Não se escreve nem por um apelo pessoal e nem mesmo pelo desejo de se escrever:

Acho que a atividade de escrever não tem nada a ver com o que lhe é pessoal. (...) A Literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que pessoal. Na Literatura, tudo o que traz algo da vida pessoal do escritor é por natureza desagradável. É lamentável, pois o impede de ver, sempre o remete para o seu pequeno caso particular. (...) Acho que escrever é *devenir* alguma coisa. Mas também não se escreve pelo simples ato de escrever. Acho que se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida. É isso. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é *devenir*. É *devenir* o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo o que quiser, menos arquivo (DELEUZE, G., **L' Abécédáire de Gilles Deleuze**. E – Enfance, 1997).

Embora a escrita de Cora nasça inspirada em um contexto histórico determinado, ela faz prescindir tal aspecto, sugerindo-nos uma travessia, cujos elos traduzem-se por experiências sensíveis em comum. Alguns autores parecem 'encharcados' dessa habilidade, de tocar na alma humana, naquilo que ela tem em comum com toda a humanidade.

Nessa perspectiva, a escrita de Cora é mais *cartografia* do que sentido. Cora não está em busca de sua infância. Muito ao contrário. Na perspectiva *memorialista*, Cora talvez quisesse esquecer a sua infância, que lhe colocou na condição de um 'não-lugar'. A escrita de Cora sugere ser um *devenir-infância*, que não significa tornar-se criança, nem no discurso, nem na memória. Não é a sua infância particular e dramática que a faz ser escritora. Como diz Deleuze,

(...) Há um devir criança, mas que não é a infância dele. Ele se torna criança, mas não é a infância dele, nem de mais ninguém. É a infância do mundo. (...) A tarefa é outra: tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância. Eis as tarefas da Literatura (DELEUZE, G., *L' Abécédaire de Gilles Deleuze*. E – Enfance, 1997).

Walter Kohan postula que devir-criança

É uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora” (...) a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada (KOHAN, 2004, P. 9).

Assim, entendemos que Cora faz-se *testemunha* de um tempo e *inventora de um povo*. Não um povo qualquer, mas o povo ‘maldito’ de seu tempo, a começar pela realidade da infância, profundamente maldita e maltratada.

Sua escrita *testemunha* um contexto escolar severo, marcado por castigos e humilhações, expresso em dois textos:

(...) Muito me valeu a escola. Um dia, certo dia, a mestra se impacientou. Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo. A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência. E mandou enérgica: estende a mão. Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho. Mandou de novo: estende a mão. Eu de medo encolhia o braço. Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena! A meninada, pensando nalguns avulsos para eles, nem respirava, intimidada. Tensa, expectante, repassada. Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias. Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena. A palmatória cresceu no meu medo, seu rodela se fez maior, o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante e o bolo estralou na pequena mão obediente. Meu berro! E a mijada incontinente, irreprimida. Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa. – Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo... A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta, e, receosa de piores conseqüências, me mandou pra casa, toda mijada, sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo (CORALINA *apud* DENÓFRIO, 2004, pp. 117-118).

A partir da sua experiência de infância, Cora Coralina denuncia a Infância de seu tempo. A criança ainda não era considerada sujeito de direitos e uma pessoa em condições especiais de desenvolvimento. A criança era um ser preterido, não ouvido, não importante e triste. Seus relatos denunciavam essa Infância sofrida...

Entre os adultos, antigamente, a criança não passava de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda, porque nem mesmo tinha o valor de incomodar. Mas chegava aos quatro, cinco anos, tinha qualquer servicinho esperando(...) (CORALINA, 1991, p. 106).

Cora testemunha a insensibilidade dos adultos diante das crianças e seus diversos *devires*:

Aquela gente antiga era sábia
E sagaz, dominante.
'Criançada, para dentro',
Quando agente queria era brincar.
Isto no melhor do pique.
'Já falei que o sereno da boca da noite faz mal...'
Como sabiam com tanta segurança
e autoridade? (...) (CORALINA *apud* DENÓFRIO, 2004, pp. 144).

(...) Era assim antigamente.
Criança não valia mesmo nada.
Entendia por acaso dessas normas de Educação?
Nada era natural
E os menores não tinham direitos.
E olha lá, que num passado que não foi meu,
Tinha sido pior.
Contavam os antigos (...) (CORALINA *apud* DENÓFRIO, 2004, pp. 151-152).

E testemunha também uma perversidade e hipocrisia, para além da falta de sensibilidade:

Os adultos, todos poderosos, solidários,
Co-autores, corregedores.
Juizes de suas justiças.
Altaneiros em lições altissonantes, humilhantes
Para que todos soubessem se exemplar.
A criança faltosa, inconsciente, apanhada, destruída.
Ré... ré... ré... de crimes sem perdão.
E eles, enormes, gigantescos, poderosos,
Donos de todas as varas, aplaudidos.

Esta senhora, sim, sabe criar família...
Isto quando corria a notícia de uma tunda das boas,
e mais castigos humilhantes.
Ao choro, respondia a casa, os ilesos, saciados,
regozijantes –
'bem feito, perdidas as que foram no chão'.
O sadismo, o masoquismo, o requinte:
a menina errada, agarrada,

sujigada entre pernas adultas,
virando seu traseiro,
levantado seu vestido, saiote,
descida sua calcinha em chineladas cruéis
no traseiro desnudado, na pele sensível.
A reação incontida da criança,
a mijada inconsciente,
a ânsia nervosa, o vômito, o intestino solto.
Acrescido o castigo: sentada no canto,
A carta de ABC na mão, a lição sabida. (CORALINA *apud* DENÓFRIO, 2004,
pp. 161-162).

No texto abaixo, isso se torna mais evidente:

(...) Todo o ranço do passado era presente. A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carracismo. Os castigos corporais. Nas casas. Nas escolas. Nos quartéis e nas roças. A criança não tinha vez, os adultos eram sádicos, aplicavam castigos humilhantes (...) (CORALINA, 1994, pp. 73-76).

Sua escrita testemunha igualmente a pobreza que assolava a realidade escolar daquela sociedade e o próprio lugar social que a Escola ocupava:

(...) Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola da minha vida, minha única mestra, sozinha na sua sala de aula, sozinha no seu ministério, tão pobre que eu quisera exaltar em letras de diamantes. (...) Lugar de honra para a minha mestra e para todas as esquecidas Mestras do passado. Mestra Silvina – beijo suas mãos cansadas, suas vestes remendadas. (CORALINA, 1995, p. 41).

Em outra passagem, ela testemunha, sobretudo, o lugar afetivo e sócio-econômico daquelas que se ocupavam com a Infância:

O bequinho da escola lembra Mestra Lili. Lembra Mestra Inhola. Esquecidas mestras de Goiás. Elas todas – donzelas, sem as emoções da juventude. Passavam a mocidade esquecidas de casamento, atarefadas com crianças. Ensinando o 'be-a-bá' às gerações (CORALINA, 1993, p. 118).

Sua escrita testemunha a mentalidade de um tipo de Escola:

(...) Tive uma velha mestra que já havia ensinado uma geração antes da minha. Os métodos de ensino eram antiquados e aprendi as letras em livros superados de que ninguém mais fala. (CORALINA, 1994, p. 74).

Em dois diferentes textos, percebemos que a sua escrita testemunha um contexto escolar de dificuldades de aprendizagem:

Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina. (CORALINA, 1995, p. 41).

Eu era menina do banco das mais atrasadas. Minha escola primária... Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo. E ela me refez, me desencantou. (...) Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas. E volta a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava. (CORALINA, 1995, pp. 123-124).

Sua escrita testemunha ainda um contexto marcado por preconceitos familiares e sociais:

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata. (...) Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado. Preconceitos de classe. Preconceitos de cor e de família. Preconceitos econômicos. Férreos preconceitos sociais. (...) (CORALINA, 1994, pp. 73-76).

Enfim, sua escrita testemunha um contexto de busca determinada na superação de todas essas dificuldades:

(...) A escola da vida me suplementou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu. Foi assim que cheguei a este livro, sem referências a mencionar. Nenhum primeiro prêmio. Nenhum segundo lugar. Nem Menção Honrosa. Nenhuma Láurea. Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade. (...) Quem sentirá a Vida destas páginas... Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer. (CORALINA, 1994, pp. 73-76).

Talvez pela sua própria experiência de dificuldade escolar, Cora tenha ficado imune à instrumentalização da escrita, podendo superar, pela vida afora, seus limites, até tornar-se escritora e autora reconhecida, a partir dos 75 anos de idade.

A escrita de Cora não parece ser *rizomórfica*, em um sentido deleuzo-guattariano. Mas o olhar e a inspiração de Cora certamente sugerem uma perspectiva *rizomática*, naquilo que um rizoma tem de mais característico: a capacidade de se *desterritorializar* na conjunção *e...e...e*.

Pretendemos dar direito e espaço para que Cora Coralina possa expressar sua escrita. Seus textos não figuram na dissertação como exemplificações e ilustrações do que se postula, mediação de algo, mas como o meio, por excelência, onde a *velocidade acontece*, e na *literalidade*¹⁰, postulada pelos autores. Seus escritos não são *territórios* precisos, mas são expressão de um *entre*: não são expressão de Cora-sujeito e nem se referem a um objeto. Não têm nem mesmo uma cronologia. São expressão de relações-*devires*, são trânsito, são vôos-possibilidade:

(...) Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. (...) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 11).

Reconhecemos aqui a constatação de Deleuze e Guattari, ao se referirem à elaboração do texto intitulado 'Anti-Édipo': *Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 11). Temos consciência de que essas relações-*devires* também promovem o encontro entre *os vários de cada um*. Porém, mais desafiante do que 'coordenar' essas *várias pessoas* que, segundo Deleuze, são a condição de uma *saúde literária* - em função da coletividade que se faz presente -, somos provocados a superarmos o *sedentarismo* paradigmático, de uma *lógica arborescente*, da *árvore como filiação*, cujas raízes nos remontam a uma perspectiva *genealógica, geracional*, estrutural, de unidade, totalidade, fixação de pontos, de uma ordem e linearidade da realidade.

¹⁰ *Literalidade* é um conceito deleuziano que postula a singularidade de uma experiência, não preexistente, por isso não podendo ser compreendida como metáfora (um redobramento do real).

Colocamo-nos na busca de uma *nomadologia*, que segundo Deleuze e Guattari, é o contrário da história, e que nos falta. A escrita de Cora parece ser o *testemunho* dos *nômades* e “sem-lugar” de seu tempo. Cora não assume o ponto de vista nem dos *sedentários*, nem dos *incluídos*, mas dos que se *desterritorializam* e *reterritorializam* continuamente no fluxo dos becos malditos de sua cidade. Sua escrita é a experiência de um *devenir* permanente.

4. O encontro com as lógicas *arborescente* e *rizomática*

Ainda um outro objetivo dessa dissertação é permitir-nos ser provocados a colocar a *lógica arborescente* em questionamento e sermos sensibilizados a pensar a realidade como *multiplicidade*, cujo modelo de realização é o do *rizoma*, *sistema acentrado, não hierárquico e não significante* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 33). Um rizoma - diferentemente de um eixo genealógico, que é repleto de pontos que remetem a uma unidade -, *pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 18). Segundo os autores, a importância mais marcante de um rizoma seja talvez o fato dele possuir *múltiplas entradas* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p.22).

Refletir sobre lógica, sobre a matriz do próprio pensamento, implica refletir sobre o *lugar* epistemológico que se ocupa, o que parece constituir uma contradição básica. Como ocupar dois *lugares* ao mesmo tempo, o da experiência e o da observação? Constitui uma tarefa muito mais desafiante do que refletir sobre tudo o que nos cerca, sobre os saberes que vão se constituindo, sobre novas tendências de pensamento, sobre informações disponíveis. Implica um pensar crítico para dentro de si mesmo, no sentido de colocar em questão as condições de constituição e realização do próprio pensamento, as premissas e 'percursos' filosóficos até então experimentados e buscar conhecer as crenças pessoais e coletivas que determinam aquilo que chamamos de 'olhar', 'modo de ver', 'ótica para o real', e que caracteriza a nossa lógica.

Buscamos nos abrir diante de uma nova lógica, que nos convida a experimentar percursos muitas vezes inusitados. Todo *rizoma* secreta percursos inusitados. Mas não temos a pretensão de superarmos uma *lógica arborescente*, que parece ser a matriz do nosso pensamento. Sem este reconhecimento-constatação, nossas lógicas chegarão, ao máximo, a *pseudomultiplicidades arborescentes*, denunciadas pelos autores como outra coisa, bem diferente, das autênticas *multiplicidades rizomáticas* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, P. 16).

5. Em busca de uma escrita *nômade e rizomorfa*

Tal lógica *rizomática* expressa-se na forma como Deleuze e Guattari compreendem, trabalham e elaboram seus textos: *Não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12). A lógica *rizomática* postula um princípio *cartográfico, do mapa,*

que é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo e uma formação social.(...) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 22).

Este é ainda um objetivo dessa dissertação: possibilitar que a sua forma seja expressão mínima de seu postulado teórico, que possamos ser minimamente deleuzo-guattarianos ao registrarmos tais *agenciamentos*.

Deleuze e Guattari têm uma pretensão ao nos apresentem a lógica do *rizoma*. Admitem que invocam um dualismo entre duas lógicas – a arborescente e a *rizomática* – para recusar a lógica de um modelo. Mas colocam-se de forma crítica diante desse dualismo ‘necessário’. Reconhecem que *existem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 31), mas não opõem os dois modelos:

O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e decalque transcendentem, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua sua próprias hierarquias, e inclusive ele suscite um canal despótico. (...) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, pp. 31-32).

E embora postule-se a superação de um modelo, não nos vemos livre de um, ainda que este escape a qualquer estrutura, genealogia e decalque, e desponte como *mapa*. Para os autores há uma escrita *nômade e rizomática* (DELEUZE E GUATTARI,

2004, p. 35), cujo plano de composição são os *platôs*, zonas de intensidade contínuas, que se encontram *sempre no meio, nem início nem fim. Rizomas e multiplicidades* são feitas de *platôs*:

Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões: falar-se-á então de um 'plano de consistência' das multiplicidades, se bem que este 'plano' seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 33).

A existência de um *platô* implica em um abrir mão da tentação de se estabelecer pontos culminantes de orientação e de referências exteriores e transcendentais. Um *platô* é um *plano de imanência*¹¹ cujo valor reside numa vibração sobre si mesmo. Para os autores, *cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 33).

Portanto, falar de *rizoma* parece implicar em ser *rizomorfo e nômade: Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente; nenhuma astúcia tipográfica, nenhuma habilidade lexical, mistura ou criação de palavras, nenhuma audácia sintática podem substituí-lo* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, P. 33). Logo no início da obra "Mil Platôs", os autores já postulam:

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe, sempre $n - 1$ (é assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele) (DELEUZE E GUATTARI, 2004, P. 14).

¹¹ Denominado plano de consistência e composição, por oposição ao de organização e desenvolvimento, o plano de imanência é imanente em relação a si mesmo, ou seja, Deleuze e Guattari postulam que não se remete a uma unidade superior e nem a um sujeito; que não é um conceito pensável, mas é a imagem do próprio pensamento. Só conhece as longitudes e latitudes e em vão cresce em dimensões (segue os devires), sendo que não comporta nenhuma dimensão suplementar (Cfr. ZOURABICHVILI, F., *O Vocabulário de Deleuze*, pp. 74-75).

Não temos a pretensão de produzirmos uma escrita *nômade* e *rizomórfica* nesta dissertação, que se propõe a debruçar sobre a própria escrita e a possibilidade de uma escrita *rizomática*, emancipadora. Mas procuraremos escrever em forma de *platôs*, usando ao máximo a conjunção *e...e...e...*

6. Limites que nos acompanham

Finalmente, se há objetivos a serem alcançados, reconhecemos que estes vêm permeados por limites:

Um limite diz respeito a uma despretensão totalizante. Deleuze e Guattari são nômades, são vários, são vastíssimos, são sempre os mesmos e sempre diferentes, e, por vezes, muito difíceis de serem acessados. Por isso, na parte I, priorizamos alguns conceitos de ambos, tendo como referência o Volume I da Obra “Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia”, sobretudo porque esta é a obra mais *didática* no sentido conceitual e fala especificamente sobre o *Rizoma*. Iremos nos referir a outras obras, com menor ênfase.

Um outro limite diz respeito à ênfase *cartográfica* de um “entrelugar”, que se quer *velocidade*. Assim temos a clareza que esse trabalho expressa um lugar *cartográfico*, uma possibilidade-*de vir* em relação à temática da Escrita. Há várias outras *cartografias* possíveis em relação à Deleuze e Guattari e à própria questão da escrita.

Ainda outro limite, mais desafiante, tem a ver com uma experiência que, não contextualizada, pode denotar apenas pretensão: a presente dissertação é um ensaio-experimentação de uma *lógica rizomática*, através de uma lógica ainda bastante *arborescente* ou, no máximo, *pseudomúltipla* e *pseudorizomorfa*. Há um anseio de *nomadismo* lógico, insistente e obstinado, mas que se encontra a todo tempo com o *sedentarismo*, que retorna, que resiste, que repete e muitas vezes nem se dá conta da dualidade, e que não quer se defender em relação aos seus recuos. Os próprios Deleuze e Guattari reconhecem que “*as árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência*” (DELEUZE E GUATTARI, 2004, P. 48). Não se trata, pois, de enfatizar o dualismo entre o Uno e o Múltiplo. Contudo há o desejo e os indícios são de saúde. Segundo Deleuze:

Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do

processo (...) A literatura aparece, então, como empreendimento de saúde (...). (DELEUZE, 2004, p. 14).

Certamente haverá muita *desterritorialização e reterritorialização* acontecendo e por acontecer nesse processo. Haverão *devires, pontos de fuga, agenciamentos* diversos a serem empreendidos. Mas

ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas, penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos. Estamos cansados da árvore (DELEUZE E GUATTARI, 2004, P. 25).

Este cansaço, compartilhado também por nós, é *ponto de fuga* que, num processo de *desterritorialização*, faz emergir uma potência *nômade*. Aqui começam emergir os indícios de uma *velocidade...*

PARTE II

Platôs: Uma leitura de Cora à luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari

Nesta segunda parte do texto, buscaremos experimentar o desafio de escrever na forma de *platôs*. Se os *platôs* já são de per si um desafio, mais desafiante ainda é escrever na e para a Academia: a escrita que tem por finalidade ser avaliada por um modelo, representa a crítica do próprio modelo. Assumiremos o duplo desafio de aprofundar alguns conceitos deleuzo-guattarianos (síntese dos muitos constructos idealizados pelos autores em diferentes textos), e trazer os textos e a inspiração da escritora e poetisa Cora Coralina.

Em relação aos conceitos, trazemos ao texto quatro platôs, sendo que o primeiro, que aborda a questão das multiplicidades e rizoma, são mais axiais em relação aos outros: devir, literalidade, ponto de fuga, desterritorialização e território. A lógica rizomática inspira três desconstruções de grande importância em uma lógica arborescente: o devir, como desconstrução da ordem da temporalidade; a literalidade, como desconstrução da ordem da linguagem; e o ponto de fuga, desterritorialização e reterritorialização como desconstrução da ordem de uma espacialidade (ainda que existencial). Através dessas três desconstruções, somos convidados a enxergar novos horizontes e caminhar por novas sendas de pensamento.

Insistimos que os textos de Cora não são introduzidos numa perspectiva didática e instrumentalizadora: eles não são apenas exemplificações. Queremos apresentar Cora Coralina em sua literalidade, conceito que será detalhado em breve.

Os textos de Cora são encantadores e emocionantes por si. São universos desterritorializadores e reterritorializadores, de quem os lê e da própria escrita de Cora.

Na forma de platôs, buscaremos trazer Cora, para dentro do território conceitual de Deleuze e Guattari, como um ponto de fuga, desterritorializante. Neste momento, faremos uma apropriação dos conceitos deleuzo-guattarianos, de tal forma, que nem mesmo os apresentaremos mais em modo itálico.

Desejamos que a escrita de Cora goze de um protagonismo nos platôs. Queremos que o caráter poético assuma a direção do texto produzido, como ponto de fuga, desterritorializante. Cada parte inaugurará uma nova paginação, pois não há uma ordem de leitura a ser seguida.

Queremos esclarecer que poderíamos ter ido em busca de muitos outros autores, que pensam Deleuze, Guattari e Cora Coralina, com o objetivo de enriquecer e diversificar a bibliografia em questão. Poderíamos ter elaborado uma dissertação mais clássica do que a que apresentamos. No entanto, queremos ser coerentes com a afirmação de que o rizoma é um antimétodo (ZOURABICHVILI, 2004, p. 98). Certamente há muitos textos que falam de Cora Coralina e sua escrita. E há outros tantos que falam de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Mas o objetivo da presente dissertação não foi apresentar um estudo dos autores e de seus conceitos. Um importante objetivo foi o de promover agenciamentos (“velocidade que se adquire no meio”), como já dissemos. O meio é a gênese. Mas não há gênese prevista. Por isso, a opção de nos concentrarmos na atualidade deste agenciamento. Queremos promover um agenciamento rizomático, literal, não prévio, preexistente entre esses autores. Esse agenciamento, essa relação-devir entre todos, ainda que seja geral, no sentido de ser um delírio histórico-mundial e não familiar, como preconizaram Deleuze e Guattari (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 7), é, por outro lado, de extrema singularidade, porque nunca se deu antes. E se houvesse se dado, em outra pesquisa, ainda assim não deveria constar nesse texto. Da mesma forma que temos a consciência de que os agenciamentos aqui promovidos são apenas alguns, possíveis, no horizonte de outros tantos.

Reconhecer a lógica rizomática, supõe acolher uma metodologia diferente. Significa admitir que entre as muitas bifurcações de uma estrutura rizomática, um encontro-devir nunca deve ser previsto, previsível, planejado.

Ainda assim, queremos estar atentos, para não cairmos no risco evidenciado por Zourabichvili, no que se refere a uma perspectiva rizomática:

Não nos iludiremos com o jogo aparentemente gratuito ao qual convida o método do rizoma, como se se tratasse de praticar cegamente qualquer colagem para obter arte ou filosofia, ou como se toda diferença fosse *a priori*, fecunda, segundo uma *doxa* difundida. (...) Mas o rizoma é tão benevolente quanto seletivo: ele tem a crueldade do real, e só cresce onde efeitos determinados têm lugar (ZOURABICHVILI, 2004, p. 98)

Queremos promover uma experiência possível. Acreditamos que não nos parece haver relação-*devoir* mais promissora do que pensar o processo da escrita através da vida e da escrita de Cora Coralina. Da mesma forma, não parece haver relação-*devoir* mais promissora e desafiante do que pensar Cora Coralina à luz dos geniais e controvertidos Deleuze e Guattari. Queremos promover esse agenciamento.

O projeto implica numa quase “justiça literária”, se é que isso possa ser dito: é trazer à luz uma Cora e uma escrita inéditas, que existiram e existem, mas ainda não haviam sido paridas. E não nos referimos aqui a um parto, na forma idealizada e romântica como é descrito por aqueles que os assiste. Falamos de um parto, na perspectiva agonizante, asfíxiante e mesmo dolorosa, daqueles que estão nascendo para a vida.

Há nesses autores, como em Cora, o processo da metamorfose. Cora Coralina fala da experiência de alfabetização como *metamorfose*: a escola a retirou do casulo informe. Deleuze e Guattari falam que todo livro *metamorfoseia* em tantos outros agenciamentos... Ora, não há passagem no casulo e não há metamorfose sem crise e ousadia.

Assim são Deleuze e Guattari em sua filosofia: postulam muito mais do que o inverso da trama, mas a trama em sua *multiplicidade*; postulam a metamorfose do olhar condicionado linearmente na direção de um Uno, para a multiplicidade, que é a realidade.

Deleuze e Guattari têm em comum com Cora o jeito próprio e irreverente que os fez, todos, extravasar as concepções de um tempo. Cora, que foi reconhecida como escritora no entardecer da vida, após a publicação de seu primeiro livro, diz que sua escrita *é um jeito diferente de contar velhas histórias*. Poderíamos atribuir, a Deleuze e Guattari, *um jeito diferente de pensar a filosofia, a psicanálise e o conceito*. Eles são

inspiradores, como referencial teórico, sobretudo porque possibilitam pensar, em forma de agenciamentos, algumas intuições bastante interessantes acerca do ato de escrever, e seguir percursos e promover encontros rizomáticos sobre essa temática, pouco pensados até então. Daí assumirmos, com alegria e prazer, esse desafio.



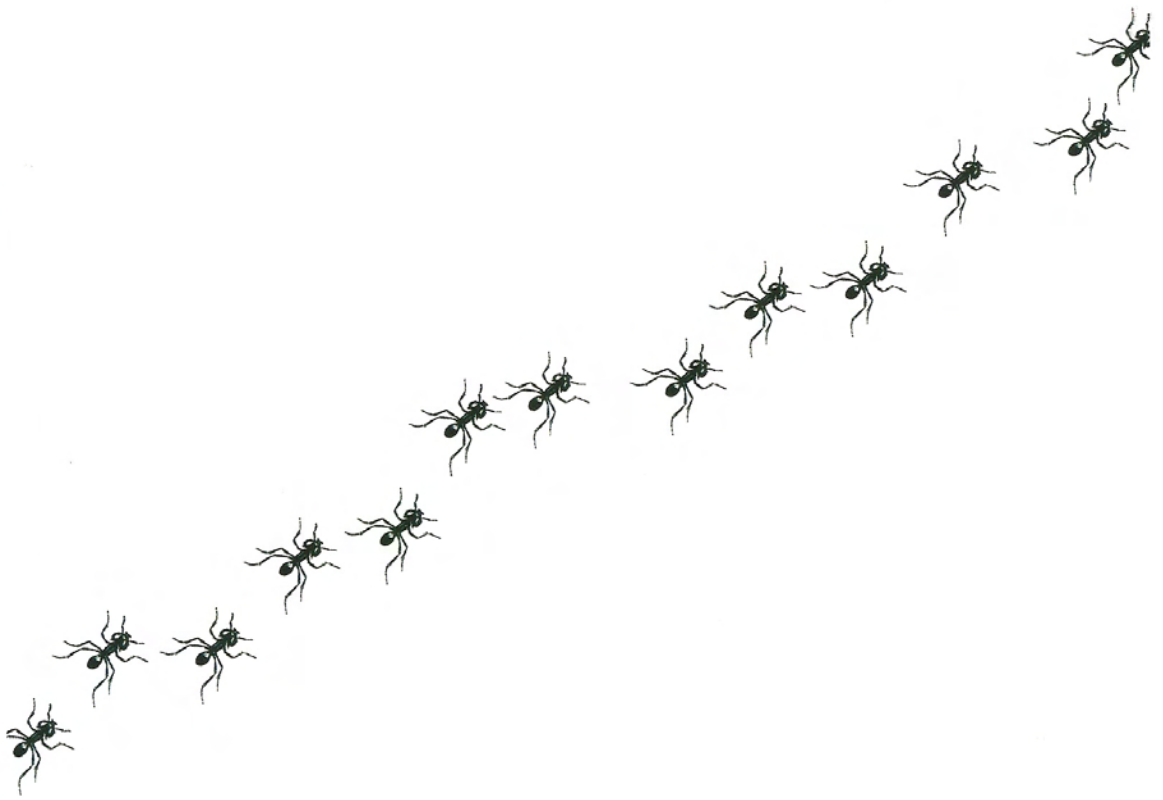
1. CONCEITO MULTIPLICIDADE E RIZOMA

Em Mil Platôs, já no Prefácio, a questão da Multiplicidade está colocada, quando Deleuze e Guattari a postulam em estado substantivo, como a própria realidade, liberta de três 'jugos': a unidade, a totalidade e o sujeito que, quando aparecem, são expressões de processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8).

Numa multiplicidade há princípios específicos: 'singularidades' equivalem a elementos; 'devires' equivalem a relações; 'hecceidades' (individuações sem sujeito) equivalem a acontecimentos; 'espaços e tempos livres' equivalem a espaços-tempos; a 'rizoma', enquanto modelo de composição, equivale à 'árvore'; seu plano de composição são 'platôs', atravessados por vetores que territorializam e reterritorializam (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8)

Uma multiplicidade implica numa diferença de dois aspectos básicos: abrir mão de uma dimensão superior e a subtração do uno, de tal forma que significa escrever sempre $n - 1$. Uma multiplicidade se aproxima de um rizoma, tubérculo, bulbo, diferentemente de raiz e radícula (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 9), que tem características claras (DELEUZE E GUATTARI, 2004, Pp. 15-32), segundo Deleuze e Guattari, como: princípios de conexão e heterogeneidade – *qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo*; princípio de multiplicidade – como estado substantivo, a multiplicidade perde a sua relação com o *uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo*. Uma multiplicidade é plana, formada por linhas e tem somente *determinações, grandezas, dimensões que não pode crescer sem que mude de natureza*; perde-se a visão da estrutura, com seus pontos e posições. Um rizoma *não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 32), seguindo a forma de platôs. Uma multiplicidade se define por um fora, por seu universo de conexões; princípio de ruptura a-significante – rompendo com a

significâncias das estruturas, um rizoma *pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar*, cada vez que um segmento explode numa linha de fuga que, ao mesmo tempo que faz fugir, pode reestratificar o conjunto. Nesse sentido, um rizoma é uma *antigenealogia*; princípio de cartografia e decalcomania – há uma distinção básica entre o decalque-reprodução e o mapa-construção. O decalque refere-se a um *modelo estrutural ou gerativo, eixo genético como unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos*, que supõe um retorno ao mesmo. Um rizoma é um mapa, aberto, com múltiplas entradas, reversível, mutável, em permanente construção. Não é objeto de reprodução. *É uma memória curta ou uma antimemória* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 32). Podemos projetar o decalque sobre o mapa, mas o inverso gera engessamento, já que o rizoma é o percurso do desejo e ‘arborificá-lo’ significa fechá-lo, bloqueando esse percurso. O rizoma é a *produção do inconsciente* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 28). O rizoma é um *sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General (...) unicamente definido por uma circulação de estados (...), todo tipo de devires* (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 3).



1.1. A ESCRITA RIZOMÁTICA DE CORA CORALINA

*Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias. Renitentes. Indomáveis.
Cortadas. Maltratadas. Pisadas.
E renascendo (Cora Coralina)*

Cora Coralina, em seus escritos, dá forma à realidade rizomática. Sua escrita inaugura percursos e encontros (devires minoritários) inusitados, que geram vida, a partir de um modo singular de “acasalar” palavra, realidade e sentimento, permitindo que o leitor/co-autor experimente um universo de multiplicidade.

Sua escrita, ainda que não se constitua rizomórfica (no sentido deleuzo-guattariano) é expressão de um olhar rizomático e de uma realidade que se encontra na forma de platôs. Assim, sua palavra encontra, na Cidade de Goiás, um percurso diferente e muitas possibilidades que vão sempre se ampliando: velhos muros, sem prumo e aprumos, mas que nunca estão sós; avencas que nascem nas frinchas das pedras desses muros, que por sua vez estão ali porque foram plantadas pelo tempo; os jasmineiros que se derramam sobre esses muros, perfumando e ornamentando, de forma contrastante, tal paisagem feia e suja; casebres que também se debruçam; dirá Cora que, cansados pelo tempo, eles vivem a cochichar; uma colcha de retalhos, furada, descansando sobre um lajedo e o pedido sincero de remendos para ela; becos tristes, úmidos, andrajosos e sombrios, enlaxarados e pobres de sua Cidade, mas que são tocados, ao meio-dia, por um pincel dourado da luz solar; o Rio Vermelho que corre embaixo de suas janelas, juntamente com as lavadeiras pobres e sofredoras que nele batem suas roupas e não entoam cantigas; os filhos abandonados dessas lavadeiras que nem mesmo no Rio Vermelho estão; essa infância, sofrida, mal-amada, não

compreendida, seja dos lenheiros, que não são crianças e nem adultos, seja das crianças que vagam, famintas, às ruas, sonhando com uma fruta ou um bife bem grande, seja de todas que são castigadas e que morreram por castigos cruéis; as ramadas das árvores abandonadas, sem nome e sem valia, sem flores e sem frutos, onde descansam os pássaros vadios e a gente cansada; o sol que, descendo sobre os monturos de lixo, “calça” de ouro a sandália velha, depositada nos becos, onde passam ‘gentinhas’ descalças; todas as mulheres, a operária, a lavadeira, a cabocla velha, a cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida; um tanto de objetos e coisas: relógio, berços, flores, muletas, velho sobrado, milho, enxada, vizinhos, cidades por onde passou.

Em tudo há encontro, há devir, há contato, há conexão, há a conjunção “e”, há agenciamento em função de um fora, um crescimento de dimensões que se ampliam em conexões. Mesmo as dificuldades advindas de sua realidade (pobreza, abandono, muletas) transformam-se nessas zonas de intensidade contínua, possibilitando uma escrita-devir que arrasta e é arrastada por pontos de fuga para outros territórios.

Cora escreve sobre sua pobreza, seu sentimento de feiúra, seu complexo de inferioridade, seu desejo vago de analfabetismo, sua pobreza vestida de cabelos brancos, suas mãos laboriosas, sua solidão, suas muletas, as traves de seu velho casario que despencam diante da indiferença dos passantes, as tábuas remontadas do chão de seu quarto, a sua cama pobre. Mas a cada vez que fala de si, fala de um povo inteiro, de experiências coletivas, de individuações inatribuíveis. Por isso sua escrita encontra tantas realidades marginais e segue percursos dos desejos de tantas pessoas.

Cora, em sua escrita, desenterra infâncias, escolas, famílias, paisagens, pessoas e o que há de mais renegado em Goiás de um tempo. Sua escrita é rizomática, porque expressão da conjunção ‘e...e...e’. Poderíamos dizer que Cora são, simultaneamente, tantas coisas.

Cora são a Aninha feia da Lapa...

Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas,
curtas, indecisas, entrando, saindo uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher que ficou velha, esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias, fazendo adivinhação.
Cantando teu passado. Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados e telhados e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas
onde se debruça um antigo jasmineiro, cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas. E
renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos, enflorados, lascados a machado,
lenhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados. Calcinados e renascidos.
Minha vida, meus sentidos, minha estética,
Todas as vibrações de minha sensibilidade de mulher,
Têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha (CORALINA, 1993, pp. 47-49).

Mas juntamente com a 'Aninha feia da Lapa', que são tantas coisas, coexiste a
'velha mais bonita de Goiás':

Eu sou a velha
mais bonita de Goiás.
Namoro a lua.
Namoro as estrelas.

Me dou bem
 com o rio Vermelho.
 Tenho segredo
 com os morros
 que não é de adivinhá.

Sou do beco do Mingu,
 sou do larguinho
 do Rintintin.

Tenho um amor
 que me espera
 na rua da Machorra,
 outro no campo da Forca.
 Gosto dessa rua
 desde o tempo do bioco
 e do batuque.

Já andei no Chupa Osso.
 Saí lá do Zé Mole.
 Procuro enterro de ouro.
 Vou subir o Canta Galo
 com dez roteiros na mão.

Se você quiser, moço,
 vem comigo:
 vamos caçar esse ouro,
 vamos fazer água – loucos
 no Poço da Carioca, sair debaixo das pontes,
 dar que falar
 às bocas de Goiás.

Já bebi água do rio
 na concha da minha mão.
 Fui velha quando era moça.
 Tenho a idade de meus versos.
 Acho que assim fica bem.
 Sou velha namoradeira.
 Lancei a rede na lua,
 ando catando as estrelas (CORALINA, 1994, pp. 90-91).

Cora são todas as mulheres marginalizadas do seu tempo: a cabocla velha e a cozinheira e a mulher roceira e a mulher proletária e a mulher da vida e a velha esquecida e a lavadeira abandonada, carregada de necessidades, do Rio Vermelho:

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha

de mau-olhado,
acocorada ao pé do borrarho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua cora verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitude bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
seus vinte netos.

Vive dentro de mim
 a mulher da vida.
 Minha irmãzinha...
 Tão desprezada,
 tão murmurada...
 Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
 Na minha vida –
 a vida mera das obscuras (CORALINA, 1993, pp. 45-46).

Cora são também os muitos filhos largados pelo mundo dessas lavadeiras:

Sombra da mata
 sobre as águas quietas
 onde as iaras
 vêm dançar à noite...
 Não. Mentira.
 Fazemos versos sem mentir.
 - Onde batem roupa
 as lavadeiras pobres.

Sombra verde dos morros
 no poço fundo
 da Carioca
 onde as mulheres sem marido
 carregadas de necessidades,
 mães de muitos filhos
 largados pelo mundo
 batem roupa nas pedras
 lavando a pobreza
 sem cantiga, sem toada, sem alegria.

Quero escrever versos verdadeiros.
 Por que será, Senhor
 que a mentira se insinua nos meus versos?
 Onde vive você, poeta, meu irmão
 que faz versos sem mentir? (CORALINA, 1994, p. 59).

E as necessidades e desejos desses filhos largados pelo mundo:

(...) Eu tinha fome.
 Sonhava com um bife bem grande.
 Um pastel enorme, uma fruta.
 Um doce sem tamanho. (...) (CORALINA, 1993, p. 233).

E que muitas vezes não têm infância:

(...) E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.(...) (CORALINA, 1993, pp. 103-104).

Cora são a sua cidade e os becos malditos, sujos e enlaxarados de Goiás e os muros sem prumo desses becos e as avencas que nascem na frincha das pedras desses muros, plantadas pelo tempo e o caule dessas trepadeiras...

Muitas vezes fala a partir de sua experiência pessoal, mas ainda assim, a partir disso, reinventa uma coletividade. É o caso de seu *Ode às Muletas*. Tudo começa com um tombo, imprevisto, que interrompe um certo nomadismo:

(...) Andarilha que fui
de boas tíbias e justo fêmur,
jamais reumáticos.
Um dia o inesperado trambolhão,
escada abaixo. (...) (CORALINA, 1993, p. 193).

A seguir surge a necessidade de muletas, “(...) depois de ter vencido longo tempo e ter dado voltas ao mundo sem deixar a sua casa.(...)” (CORALINA, 1993, p. 193). Mas as muletas parecem constituir pontos de fuga: uma transversalidade que garante graus de desterritorialização. E são muito bem-vindas:

(...) Muletas utilíssimas!...
Pudesse a velha musa
vos cantar melhor!...
Eu as venero em humilde gratidão.
Leves e verticais. Jamais sofisticadas.
Seguras nos seus calços
de borracha escura.
Nenhum enfeite ou sortilégio.

Fidelíssimas na sua magnânima
utilidade de ajudar a novos passos.(...) (CORALINA, 1993, p. 105).

Sua muleta é uma coletividade. Seu delírio é histórico-mundial, e não apenas familiar. Através do seu *Ode às Muletas*, há o resgate de um mundo renegado, às vezes devir-minoritário, sendo reinventado:

(...) Foi bastão primeiro do indigente,
desvalido, encanecido, peregrino
em distantes romarias.
Varapau do serrano em agrestes serranias.
Bordão de frade penitente, mendicante.
Menestrel em tempos idos
tateando incertos passos.
Rapsodos descantando
romanças e baladas
pelos burgos, castelos, castelânias.
Cajado patriarcal de pastores,
santos e profetas.
Vara simbólica de autoridades
em remotas eras.

Subiu a dignidade eclesiástica
e foi o báculo episcopal.

Entrou no convívio social.
Bengala moderna, urbana, requinte
e complemento da juventude.
Estética e estilística dos moços.

Bengalão respeitável dos velhos,
encastado em prata e ouro,
iniciais gravadas,
acrescentava algo ao ancião – respeito, veneração
aos seus passos tardos.

Bengala de estoque...
Arma traiçoeira de malandro
e do sicário.
Bengalas de junco, de prata,
de marfim e de unicórnio...
encastoadas em ouro e pedras finas.
Subiu e galgou. Uso e desuso.
Modificada, acertada à necessidade humana
reaparece, amparo e proteção.
Transformação técnica,
- muletas ortopédicas. (...)

(...) Mais do que as muletas
 que nos dão apoio,
 eu me curvo reverente ante
 a bengala branca do cego
 que é a própria luz de seus olhos mortos
 em meio à multidão
 vidente (CORALINA, 1993, pp. 196-197).

Mas, nessa perspectiva, um de seus textos mais clássicos é a *Oração do Milho*. Milho que é devir-minoritário, diferentemente do trigo. O devir-milho inaugura muitos outros devires. Milho-coletividade. Milho-reinvenção de um povo. Milho-poesia.

Senhor, nada valho.
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso,
 nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
 mesmo planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
 e de mim não se faz o pão alvo universal.
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
 Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não
 vingam o trigo nobre.
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
 alimento de rústicos e animais de jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
 coroados de rosas e de espigas,
 quando os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
 e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

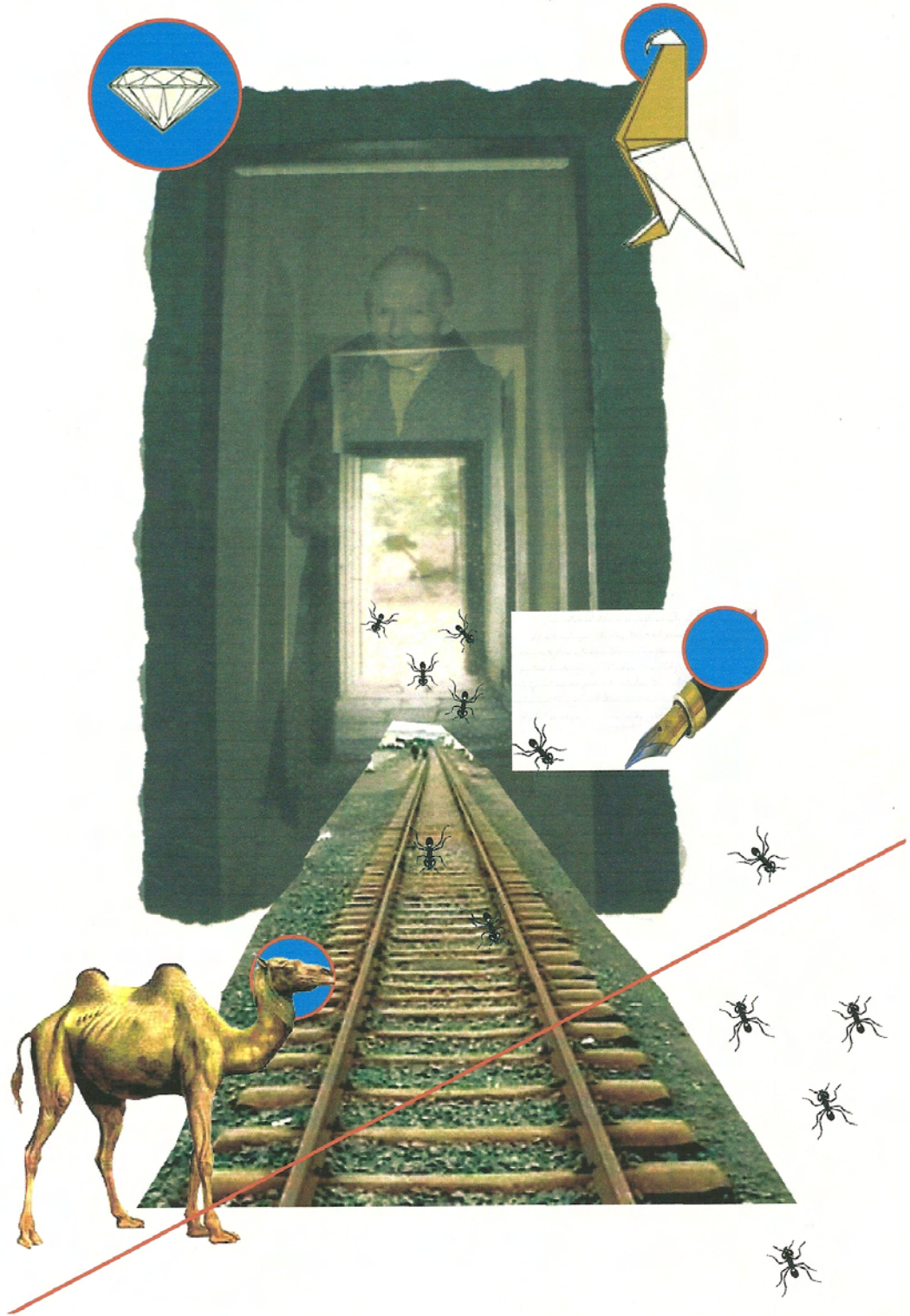
Fui o angu pesado e constante do escravo
 na exaustão do eito.
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
 Sou a farinha econômica do proletário.
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam
 a vida em terra estranha.
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta de seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho (CORALINA, 1993, pp. 163-164).

A escrita de Cora Coralina é sempre conjuntiva, aditiva, centrífuga, rizomática, múltipla. O universo de Cora é vastíssimo. Sua escrita nos introduz sempre na iminência de infinitos mundos, entroncamentos, perspectivas, infinitas. Cora “são”. Só há um singular para Cora: Cora é multiplicidades. Cora é rizoma. E a característica de ambos, segundo Deleuze e Guattari é exatamente a de não “serem” nada, a não ser um “entre” (que não é lugar). É dessa escrita, que não nasce a partir de uma estrutura formal, que é a-cronológica, mas que é devir e que transita entre diversos lugares, que estamos em busca. É dessa Cora que se encontra exatamente nos pontos de fuga que estamos em busca.

Importante é que possamos dizer que temos a pretensão de buscar, mas nunca de encontrar, de chegar. Esta dissertação – pretende-se potência nômade: é apenas travessia entre essas muitas paisagens, externas e internas, e um pensar, não prévio nem preexistente, entre algumas dessas paragens.



2. CONCEITO DEVIR

“Devir” é um dos conceitos-chave mais complexos dos autores, que nos possibilita situarmo-nos em uma perspectiva “cartográfica” (distinta da “arqueológica, monumental, memorial”), e compreendermos o sentido de uma “velocidade que se adquire no meio”. Tem a ver com a economia do desejo (NEGRI E GUATTARI, 1996, p. 2140. Numa concepção “rizomática”, das “multiplicidades”, as potencialidades têm a ver com tudo que faz fugir a forma e o modelo. Pelo “devir” há a possibilidade de um nomadismo, de “agenciamentos com um fora”, de ampliação do “mapa”. Muitas são as considerações acerca do conceito:

- 1) “Devir” não é deixar de ser algo para tornar-se outra coisa. O devir não produz outra coisa que a si mesmo.
- 2) “Devir” não significa mudar, já que não desemboca em um término ou um fim.
- 3) “Devir” não significa imitar, identificar-se, assimilar e conformar-se a nada.

Deleuze, em distintos textos, tece essas considerações, apontando outros significados:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta ‘o que você devém?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômeno de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (DELEUZE *apud* ZOURABICHVILI, 2004, p. 48)

Como podemos entender o conceito de “devir”? Devir é um rizoma, algo da ordem da aliança (NEGRI E GUATTARI, 1996. P. 215). Deleuze postula que o

(...) devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica,

mas com geografia, intensidade e direção próprias (DELEUZE E PARNET *apud* KOHAN, 2004, p. 9).

Para Deleuze e Guattari, o “devir” segue uma determinada lógica. Os “devires” dão-se sempre na linha de um “minoritário”, “molecular”, em contraposição a um “majoritário” e “molar”. Não tem a ver com “tamanho”, mas com fluxo e potencialidade centrípeta e centrífuga: enquanto o “devir majoritário” atrai para um centro - que é Uno, modelar, reproduzível -, o “minoritário” desvia desse centro, faz fugir, possibilita novos inícios. François Zourabichvili postula que o desejo (cujo conteúdo é o “devir”) tende a investir nos domínios de uma “animalidade, infância, feminilidade, imperceptível”, mais do que quaisquer outros domínios. Tais domínios “minoritários”, por não terem um modelo, encontram-se sempre em processo, num constante nomadismo. Mas Zourabichvili dirá que a força do “minoritário” não reside apenas nisso, pois eles não se apresentam como *modelos alternativos, como formas ou códigos de substituição ao modelo considerado “majoritário”*. A força de tais domínios decorre de seu

coeficiente de alteridade ou de desterritorialização absoluta (grifo do autor), abrindo a um para-além da forma que não é o caos, mas uma consistência dita “molecular”: então a percepção capta variações intensivas (composições de velocidade entre elementos informais) e não um recorte de formas (conjuntos “molares”), ao passo que a afectividade se emancipa de seus bordões e impasses habituais (ZOURABICHVILI, 2004, pp. 49-50).

Deleuze postula que os “devires” nunca se dão na perspectiva inversa de um “minoritário”: *O devir não se dá no sentido inverso, e não entramos em um devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda matéria, ao passo que mulher, animal ou molécula têm sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização* (DELEUZE, 2004, p. 11).

Walter Koan postula que os devires-minoritários constituem-se *intensidades criadoras, disruptoras, revolucionárias, que só podem surgir da abertura do espaço, no encontro entre o novo e o velho, que podem interromper o que está dado e propiciar novos inícios* (KOHAN, 2004, p. 11). Zourabichvili dirá que no “devir”, uma *outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve com a nossa e a “faz fugir”*

(ZOURABICHVILI, 2004, p. 48). Há no devir um processo marcadamente revolucionário. Os “devires minoritários” evidenciam a lógica subversiva do desejo, que sempre escapa e transita (já que não se sedentariza) nas periferias dos domínios e termos, em um permanente processo e que representa descontinuidade.

Sobre esse ‘trânsito’, ‘marginal’, que não tem a ver com um lugar, Deleuze diz que o *“devir está sempre “entre” ou “no meio”: mulher entre as mulheres, ou animal no meio de outros”* (DELEUZE, 2004, p. 12). Também dirá:

Não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevisíveis, não preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população (IDEM, p. 11).

Aqui percebemos dois elementos importantes: a chamada “zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação”, por um lado, e a afirmação do artigo indefinido e de uma suposta “generalidade” (negada por Deleuze), como autêntica potência.

Em relação ao primeiro elemento, a chamada “zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação” de um “devir” evidencia-se a impossibilidade de compreendermos tal conceito como um lugar que se ocupa, um estado que se assume ou algo que se torna. No “devir” não há dois termos intercambiantes, mas a formação de um *“bloco”, em outras palavras, o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se “desterritorializam mutuamente”*, onde o termo encontrado pode ser “arrastado num devir-expressivo” correlato ao termo que o encontra (devir-minoritário), ou seja através de um processo “onde o termo encontrado seja por sua vez aquele que encontra” (“co-evolução não paralela”, “núpcias entre dois reinos” (DELEUZE, 2004, pp. 34-35). Em “Mil Platôs”, Deleuze e Guattari descrevem o processo de “co-evolução não paralela” do “devir”:

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem. Um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. (...) Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura do código, mais-valia do código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe (DELEUZE E GUATTARI, 2004, pp. 18-20).

Em relação ao segundo elemento, uma suposta “generalidade” (negada por Deleuze), como autêntica potência, podemos entender que tudo o que “devém” precisa ser despojado das características formais, instituídas na forma do artigo definido “o, a”. Na perspectiva da “multiplicidade”, do “rizoma”, não há sentido o artigo definido, que sugere modelos “majoritários”, herméticos, modelares, conformadores. Deleuze insiste na extrema riqueza do artigo indefinido:

Mas a literatura segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... (DELEUZE, 2004, p. 13).

O “devir” é, pois, a emergência de uma coletividade e de um “povo” numa experiência extremamente singular e única.

Finalmente, Deleuze ainda postula, que o “devir” inaugura outra categoria de tempo, não cronológica. No devir não há passado, presente e nem futuro. Não há mesmo história, como sucessão de acontecimentos. Há o intempestivo, a descontinuidade. É uma experiência de “involução”, que não significa “regredir” nem “progredir”, mas despontar em outra lógica:

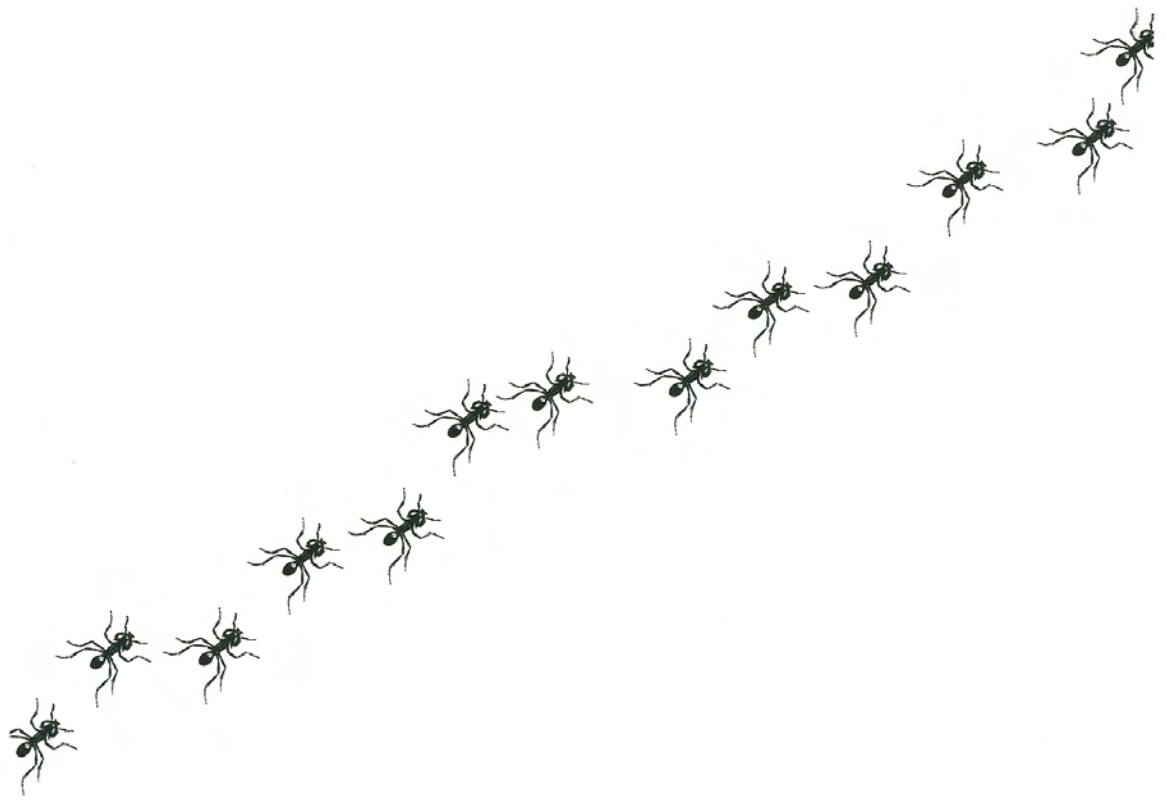
Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado. É isso que é difícil de explicar: a que ponto involuir é, evidentemente, o contrário de evoluir, mas também o contrário de regredir, retornar à infância ou a um mundo primitivo. Involuir é ter um andar cada vez mais simples, econômico, sóbrio (DELEUZE E PARNET *apud* KOHAN, 2004, p. 6).

Talvez Deleuze esteja dizendo do desafio que é estar vazio para a experiência de cada encontro, sem que este seja interpretado à luz das bagagens modelares herdadas numa lógica “arborescente”.

De qualquer maneira, a partir dessa perspectiva, Deleuze fala da importância do escritor experimentar um “devir-infância”, que não é a infância de ninguém, muito menos a dele, mas a “infância do mundo”: *A tarefa é outra: tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar essa infância* (DELEUZE, L' Abécédáire de Gilles Deleuze. E – Enfance, 1997). O devir-infância é real, sem que seja real a infância que se devém. Walter usa uma imagem muito bonita para descrever a experiência de um devir-criança:

Devir-criança é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora”, a núpcias “anti-natureza”, a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada (DELEUZE, L' Abécédáire de Gilles Deleuze. E – Enfance, 1997).

O conceito de “devir” apresenta-se, pois, como conceito “potência”, no pensamento de Deleuze e Guattari. É através da experiência do “devir”, que se escapa à lógica “arborescente” do pensamento e do conhecimento, e se inaugura a possibilidade de experimentar o múltiplo, em sua diversidade imprevisível e rizomática. Para o pensamento, nada de mais original: o “devir” é um “encontro” sempre “marginal” que permite à subjetividade escapar ao clichê e a encontrar “relações desconcertantes”, experimentar a “exterioridade de domínios”, enfim, experimentar aquilo que Deleuze chama de “novas sendas de inteligibilidade”.



2.1. CORA CORALINA: UMA EXPLOSÃO DE DEVIRES

O universo de Cora é marcadamente relacional. Entrando em contato com a sua escrita podemos sugerir uma explosão de devires. Sua escrita-devir investe nos domínios de uma animalidade, de uma feminilidade, de uma infância, de uma imperceptibilidade, 'locais' marginais de inspiração e de potência, criação, reinvenção.

Em Cora Coralina tais devires minoritários são marcantes na sua inspiração. Ela também experimenta algo grande demais na vida, do qual não retorna ilesa: a partir daí, a sua vida se debruça sobre esses devires minoritários, como as avencas e jasmineiros sobre os muros, como os casebres envelhecidos. Em suas confissões, dirá: *Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair* (CORALINA, 1995, p. 43). Sua escrita e seu desejo transitam nesse universo extremamente comum, molecular, insignificante, quase um não-lugar de inspiração. Cora é testemunha. Como diz Carlos Drummond de Andrade, Cora possui um *coração inumerável* (CORALINA, 1995, p. 22).

Em *Recados de Aninha – I*, Cora expressa a consciência dessa lugar, que é quase opção, de onde não se consegue mais sair:

Meu jovem, a vida é boa, e você cantando o cântico da mocidade
pode fazê-la melhor. E o melhor da vida é o trabalho.
No trabalho está a poesia e o ideal, assim possa sentir o poeta.
Só o trabalhador sabe do mistério
de uma semente germinando na terra.
Só o cavador pode ver a cor verde se tornar azul.

Ele, na flor, já viu o fruto e no fruto prevê a semente.
E sabe que uma cana de milho, uma braçada de folhas e palhas
na terra é vida que se renova.
Que sabe você, jovem poeta, da fala das sementes?
Um poeta parnasiano do passado, conversava com as estrelas,
oi coisa linda no tempo.

Converse, você, poeta destes tempos novos,
converse com as sementes e as folhas caídas
que pisa distraído.
Você vai sobre rodas
e caminha sobre vidas que o asfalto recobriu.
Quem fala essa mensagem é uma mulher muito antiga

que entende a fala e a vida de um monte de lixo
que vê da janela da Casa Velha da Ponte, lá do outro lado do rio,
nos reinos da minha cidade.(...) (CORALINA, 1995, p. 152)..

Uma mulher muito antiga, que entende a fala e a vida de um monte de lixo...
Essa é Cora Coralina! O que há de mais minoritário do que o lixo? Mas a escrita de
Cora afirma que nele há vida e fala. E Cora o entende.

Em um outro texto, Cora também fala da realidade solitária desse olhar:

Na haste hierática e vertical pompeia.
Sobe para a luz e para o alto a flor...

Ainda não.

Veio de longe.
Muda viajeira dentro de um plástico esquecida.
Nem cuidados dei à grande e rude matriz fecundada.
Apanhada num monte de entulho de lixeira.

“Cebola brava” na botânica sábia de Seu Vicente.
Oitenta e alguns avos de enxada e terra.
Sabedoria agra.
Afilhado do Padim Cícero.
Menosprezo pelas “fiores”:
“De que val’isso?”
Displicente, exato, irredutível.

E eu, meu Deus, extasiada, vendo, sentindo e acompanhando,
fremendo, aquela inesperada gestação.
_ Um bulbo, tubérculo, célula de vida rejeitada,
levada na hora certa à maternidade terra.

A Flor...

Ainda não.
Espátula. Botão
hígido, encerrado, hermético,
inviolado no seu mistério.
Tenro vegetal, túmido de seiva.
Promessa, encantamento.
Folhas longas, espalmadas.
Espadins verdes montando guarda.

Da Flor...

A expectativa, o medo.
Aquele caule frágil
ser quebrado no escuro da noite.

O vento, a chuva, o granizo.
 A irreverência gosmenta de um verme rastejante.
 O imprevisto atentado de alheia mão
 Consciente ou não.

Alerta. Insone.
 Madrugadora.

Na manhã mal nascida,
 toda em rendas cor-de-rosa,
 túrgida de luz,
 ao sol rascante do meio-dia.
 No silêncio serenado da noite
 eu, partejando o nascer da flor,
 que ali vem na clausura
 uterina de um botão.
 Rombóide.

Para a Flor...

Chamei a tantos...
 Indiferentes, alheios,
 ninguém sentiu comigo
 o mistério daquela liturgia floral.
 Encerrada na custódia do botão,
 ela se enfeita para os esponsais do sol.
 Ela se penteia, se veste nupcial
 para o esplendor de sua efêmera vida vegetal.

Na minha aflita vigília pergunto:
 _ De que cor será a flor?

Chamo e conclamo de alheias distâncias
 alheias sensibilidades.
 Ninguém responde.
 Ninguém sente comigo.
 aquele mistério oculto
 Aquele sortilégio a se quebrar.

Afinal a Flor...

Do conúbio místico da terra e do sol
 - a eclosão. Quatro lírios semi-abertos,
 apontando os pontos cardeais no ápice da haste.
 Vara florida de castidade santa.
 Cetro heráldico. Emblema litúrgico
 de algum príncipe profeta bíblico
 egresso das páginas sagradas
 do "Livro dos Reis" ou do "Habacuco".

E foi assim que eu vi a flor. (CORALINA, 1995, pp. 19-22).

Tal texto sugere uma sensibilidade que coloca em relação os grandes escritores e pensadores. Ambos acessam mundos muito densos e embora possam reinventar um povo, experimentam a dureza de um parto solitário. Ambos são tocados por uma sensibilidade de extrema sutileza.

Embora, na maioria das vezes, Cora escreva a partir de tais realidades, outras tantas vezes ela é aquilo de que fala. Na sua escrita, tais realidades tornam-se potência. E ela consegue mergulhar no chamado romance histórico-mundial, bem diferente, do drama familiar, circunscrito, particular. Assim, a escrita de Cora testemunha a infância do mundo, a feminilidade marginal do mundo, a animalidade do mundo, a insignificância do mundo e a sensibilidade do mundo, esta quase não falada, manifestada, socializada, aterrada sobre o devir majoritário da razão.

No poema *Todas as Vidas*, como já vimos, Cora fala das mulheres minoritárias, “a vida mera das obscuras”, que vive dentro de sua vida. Na poesia *Becos de Goiás*, retomará o tema, mas dedicar-se-á às “mulheres da vida”, “renegadas, confinadas”, “humilhadas”, “castigada” e doentes.

O Rio Vermelho que corre por debaixo de suas janelas a conduziu até as mulheres lavadeiras, por quem tem muito apreço. A escrita de Cora confere-lhes um lugar, dá-lhes uma legitimidade. São mulheres, mães de muitos filhos, abandonadas. São carregadas de roupas e necessidades. Lavam roupas e a pobreza. Não há toada e nem alegria. A sua dura realidade torna-se imperativo ético, que interpela a criação poética: *Quero escrever versos verdadeiros. Por que será, Senhor, que a mentira se insinua nos meus versos? Onde vive você, poeta, meu irmão, que faz versos sem mentir?* (CORALINA, 1995, p. 59).

Seu devir mais expressivo é o devir-terra. Cora se identifica muito com a terra, com o plantio, com o trabalho do lavrador, com o movimento da semente, com o poder da enxada, com a abundância e generosidade da natureza, com o milagre da vida que desponta da terra. Através da intensidade devir-terra, que a transfigura, há uma infinidade de outros devires emergentes. Talvez esse seja um dos textos mais intensos de Cora:

Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
 Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
 Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
 Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado,
 procriador e fecundo.
 Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,
 suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
 Plantei e colhi pelas suas mãos calosas
 e tal mal remuneradas.
 Participamos receosos do sol e da chuva em desencontro,
 nas lavouras carecidas.
 Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o riscar
 de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no regozijo
 das formações escuras e peçadas no espaço
 e o refrigério da chuva nas roças plantadas,
 nos pastos maduros, e nas cabeceiras das aguadas.
 Minha identificação profunda e amorosa
 com a terra e com os que nela trabalham.

A gleba me transfigura. Dentro da gleba,
 ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
 o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
 o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,
 eu me identifico.
 Sou árvores, sou tronco, sou raiz, sou folha,
 sou graveto, sou mato, sou paiol
 e sou a velha tulha de barro.
 Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
 e coaxam as rãs,
 Mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.
 Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
 é o arado milenário que sulca.
 Meu versos têm relance de enxada,
 Gume de foice e peso de machado.
 Cheiro de currais e gosto de terra. (...)

A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.
 Identificada com seus homens rudes e obscuros,
 enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e moradores.
 Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.
 Partilhei com eles de esperança e desenganos. (...)
 Plantei pelas suas enxadas e suas mãos calosas.
 Colhi pelo seu esforço e constância.

Minha identificação com a gleba e com a sua gente.
 Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
 abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.
 A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.
 Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.
 Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.
 Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos.

Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
 Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
 minha pena é a enxada do plantador,
 É o arado que vai sulcando
 para a colheita das gerações.
 Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.
 Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.
 Eu sou a mulher mais antiga do mundo,
 plantada e fecundada no ventre escuro da terra (CORALINA, 1995, pp. 108-110)

Há um devir-infância muito forte na escrita de Cora. Em meio a tantas convenções, opressões, repressões, crueldade e insensibilidade, Cora experimenta (e liberta!) como ninguém, os desejos, anseios e sonhos da infância de um tempo, de forma simples, poética e emocionante:

(...)Ter nos meus braços
 aquela boneca de loiça
 vinda de Paris,
 de chapeuzinho, enfeite,
 sua flor minúscula, azul, lá da França.
 Sapatinhos e meias,
 loira, olhos azuis e que dormia...
 e que nunca foi minha.
 Eu vivia aquela boneca,
 sonhava, e ela sempre ali,
 inacessível,
 na estática da vitrine envidraçada
 da loja de "Seu" Cincinato. (CORALINA, 1995, p. 55).

Ou ainda:

Tinha sido o aniversário daquela senhora.
 Uma sua amiga tinha lhe mandado,
 à moda do tempo, bandeja de doces.
 Doces em calda: figo e caju.
 A mãe separou as compoteiras
 e franqueou para as filhas os perecíveis.
 Ávidas, insaciáveis, logo deram conta da parte franqueada.
 Passaram a gozar o reservado que ficara esquecido
 por inapetência, por descuido.
 Certo foi que a mais espevitada e audaciosa pediu
 se podia comer aqueles de reserva.
 A mãe levantou-se num impulso frenético,
 tomou as compoteiras,

desceu a escada
 e despejou o conteúdo na lama do terreiro
 onde as galinhas ciscavam vermes.
 As meninas, olhando abobadas, sem entender a lição.
 A dona sumiu-se lá para dentro a retomar suas leituras infundáveis,
 enquanto as crianças baixavam no lameiro e passavam a catar
 e comer os doces, antes que chegassem as galinhas.
 Era assim antigamente.

Criança não valia mesmo nada. Entendia por acaso dessas normas de Educação?
 Nada era natural e os menores não tinham direitos.
 E olha lá, que num passado que não foi meu, tinha sido bem pior.
 Contavam os antigos.

Tudo de melhor para os adultos
 para as crianças, prato feito, regrado, medido.
 Coisas boas, guardadas, defendidas no alto dos armários,
 fechados a chave e estas penduradas
 no cóis da saia das que mandavam. (...)

Lembro da minha satisfação com o que me davam
 em racionamento constante: chocolate.
 Coisa mais gostosa do meu mundo,
 feito com tabletes de chocolate Beringh
 raspado e batido com gema e açúcar,
 até perder o cheiro característico de ovo.
 Faziam nas casas pela manhã, me davam uma tigelinha minúscula,
 tigela grande, tigelona enorme para os adultos.
 Eu ali goderando sem mais.
 Meu desejo de criança,
 escondido, reservado, dissimulado, de crescer
 virar gente grande e me fartar de chocolate com cacau Beringh
 e gema batida. Cheiro de ovo, nas coisas boas que se faziam,
 era defeito capital, censurado, castigado. (...)

Graças a Deus que os armários e gavetas tiveram seus fechos arreventados
 e toda gente anda farta nestes tempos de carestia,
 arrotando alto, poderia dizer.
 Não existe mais o arrotado constante do passado nem o mau hálito,
 nem crianças comendo de ração,
 nem percevejo nas camas,
 nem disputa na mesa pelo osso do frango,
 nem briga entre irmãs pelos restos que os velhos deixavam nos pratos... (...)
 (CORALINA, 1995, p. 120).

Em *Antiguidades*, Cora expressa com detalhes esse desejo e a insensibilidade dos adultos:

Quando eu era menina

bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana,
se fazia um bolo,
assado na panela
com um testo de borralho em cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal muito que ruim).

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.
Com atenção. Sericamente.
Eu presente.
Com vontade de comer o bolo todo.

Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
Minha irmã mais velha
governava. Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras manas.
E ninguém pedisse mais!
E o bolo inteiro,
quase intangível,
se guardava bem guardado,
com cuidado,
num armário, alto, fechado,
impossível (...).

Criança, no meu tempo de criança,
não valia mesmo nada.
A gente grande da casa
usava e abusava
de pretensos direitos
de educação (...).

Aquela gente antiga,
passadiça, era assim:
severa, ralhadeira.
Não poupava as crianças.
Mas, as visitas...

– Valha-me Deus!...
 As visitas...
 Como eram queridas,
 recebidas, estimadas,
 conceituadas, agradadas! (...)

D. Joaquina Amâncio...
 Dessa então me lembro bem.
 Era amiga do peito de minha bisavó.
 Aparecia em nossa casa
 quando o relógio dos frades
 tinha já marcado 9 horas
 e a corneta do quartel, tocado silêncio.
 E só ia quando o galo cantava (...).

Eu fazia força de ficar acordada
 esperando a descida certa
 do bolo
 encerrado no armário alto.
 E quanto este aparecia,
 vencida pelo sono já dormia.
 E sonhava com o imenso armário
 cheio de grande bolos
 ao meu alcance.

De manhã cedo
 quando acordava,
 estremunhada,
 com a boca amarga,
 - ai de mim –
 via com tristeza,
 sobre a mesa:
 xícaras sujas de café,
 pontas queimadas de cigarro.
 O prato vazio, onde esteve o bolo
 e um cheiro enjoado de rapé (CORALINA, 1993, p. 53-57).

Há tantos devires-imperceptíveis, quase inumeráveis, para além dos aqui já vistos. Cora testemunha cada um com sua escrita, também devir, o que a torna, nas palavras de Drummond, “patrimônio de todos nós”, evidenciando que Aninha não mais “se pertence” (CORALINA, 1995, p. 23). Com Cora podemos aprender a importância de, permanentemente, mudarmos o rumo do olhar, e a direção de nossos pés. À cada nova senda do caminho, há muitos mundos marginais interagindo com os nossos, como pontos de fuga. Importante é ter consciência de que não há modelos preexistentes. E que em cada encontro a ser realizado, muitas serão as possibilidades de - não só empreendermos novos e outros caminhos, mas, sobretudo, de nos refazermos em nosso nomadismo.